



*Ordem do Mérito
Cultural 2008*

HOMENAGEM A MACHADO DE ASSIS

*Ordem do Mérito
Cultural 2008*

HOMENAGEM A MACHADO DE ASSIS



Ailton Krenak **(Ailton Alves Lacerda)**

Ailton Alves Lacerda, mais conhecido como Ailton Krenak, luta, por meio do Núcleo de Cultura Indígena, pelos direitos das populações indígenas, com especial foco na busca de soluções para a questão da posse da terra e dos problemas de saúde, educação e subsistência. Nasceu no Vale do Rio Doce, Minas Gerais, em 1954.

Aos 17 anos, Ailton Krenak migrou com seus parentes para o estado do Paraná. Alfabetizou-se aos 18 anos, tornando-se a seguir produtor gráfico e jornalista. Na década de 80 passou a se dedicar exclusivamente à articulação do movimento indígena. Em 1987, no contexto das discussões da Assembleia Constituinte, foi autor de um gesto marcante e que comoveu a opinião pública: pintou o rosto de preto com pasta de jenipapo enquanto

discursava no plenário do Congresso Nacional, em sinal de luto pelo retrocesso na tramitação dos projetos referentes aos direitos indígenas.

Em 1988, participou da fundação da União das Nações Indígenas (UNI), fórum intertribal interessado em estabelecer uma representação do movimento indígena em nível nacional. Em 1989, foi um dos participantes do movimento Aliança dos Povos da Floresta, que reunia povos indígenas e seringueiros em torno da proposta da criação das reservas extrativistas.

Na última década, voltou para Minas Gerais, formou a Rede Povos da Floresta, tornou-se vice-presidente da Fundação France Libertés no Brasil. Foi articulador da sétima Reserva da Biosfera do Brasil na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, articulador para a criação da Área de Proteção Ambiental na Pedreira, na Serra do Cipó; em Minas Gerais; e assessor para Assuntos Indígenas do Governo do Estado de Minas Gerais.

Altemar Dutra (Altemar Dutra de Oliveira) *in memoriam*

Nascido em 1940, no município mineiro de Aimorés, Altemar Dutra se revelou um músico autodidata ao aprender a tocar violão por métodos. Iniciou sua carreira artística com menos de 17 anos de idade, participando de um programa de calouros promovido pela Rádio Difusora de Colatina, no Espírito Santo.

Após vencer o concurso, viajou para a cidade do Rio de Janeiro em busca da realização do sonho de se tornar um cantor profissional e conseguiu trabalho como *crooner* em boates e casas de espetáculos da noite carioca.

Continuou fazendo participações em programas de rádio e obteve com a canção *Tudo de Mim*, em 1963, seu primeiro sucesso nacional. Seguiram-se muitos outros como *Que Queres Tu de Mim*, em 1964, *Sentimental Demais*, em 1965, *Brigas*,



em 1966, e toda uma seleção de músicas românticas bem ao gosto popular.

Altemar Dutra destacou-se como intérprete desse gênero musical, com um repertório mais voltado para os boleros, e passou a se apresentar em diversos países da América do Sul. A partir de então, começou a gravar discos com versões em espanhol que atingiram a marca de mais de 500 mil cópias vendidas.

Também alcançou grande popularidade junto à comunidade latina residente nos Estados Unidos da América, onde se tornou um dos cantores brasileiros mais conhecidos e um dos poucos a ter se apresentado no Carnegie Hall.

Aclamado pela crítica especializada pelo seu grande talento vocal, foi chamado de o Rei do Bolero no Brasil e de o Trovador das Américas. Faleceu em 1983, na cidade de Nova York, durante apresentação em uma casa noturna.



Anselmo Duarte (Anselmo Duarte Bento)

Ator, roteirista, diretor e produtor. Aos 88 anos de idade, Anselmo Duarte tem sua história de vida mesclada à do cinema nacional. Nascido na cidade de Salto de Itú, no interior de São Paulo, na infância trabalhou como molhador de tela e almejava ser projetorista.

Tornou-se um talentoso cineasta, que conta com uma filmografia de cerca de meia centena de títulos, inclusive o mais premiado filme brasileiro de todos os tempos: *O Pagador de Promessas*.

Considerado o maior galã das telas brasileiras na época áurea da Cinédia, Atlântida e Vera Cruz, atuou em mais de 40 filmes, entre comédias românticas, dramas, policiais e musicais.

Anselmo Duarte começou sua carreira de ator em *A Inconfidência Mineira* (1942), mas

a fama só veio a partir de 1947. Protagonizou *Querida Suzana*, *Um Pinguinho de Gente*, *Carnaval de Fogo*, *Aviso aos Navegantes*, *Tico-Tico no Fubá*, *Sinhá Moça* e outros sucessos de público.

Como diretor, estreou com *Absolutamente Certo* (1957) e obteve consagração internacional com *O Pagador de Promessas* (1962), que ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes, na França.

A obra também foi indicada para concorrer ao Oscar, na categoria de melhor filme estrangeiro, além de ter recebido outros importantes prêmios em festivais do Brasil e do exterior.

Após as premiações, Anselmo Duarte dirigiu mais uma dezena de filmes muito elogiados pela crítica especializada, entre os quais *Vereda da Salvação*, *Quelê do Pajeú*, *Um Certo Capitão Rodrigo*, *O Descarte* e *O Crime do Zé Bigorna*.





Associação Ashaninka do Rio Amônia – Apiwtxa

A Associação Ashaninka do Rio Amônia desenvolve, há 16 anos, na Bacia Amazônica, um trabalho voltado para a sustentabilidade na região, com foco na conscientização sobre como utilizar os recursos naturais de forma não agressiva e no manejo dos recursos, artes, ofícios, artesanato etc.

Suas ações permitem, por meio da troca de experiências e saberes, o fortalecimento identitário dos habitantes da região que participam dos projetos realizados pela Apiwtxa, a difusão desse conhecimento para outras regiões e o estabelecimento de uma relação sustentável e “orgânica” com o meio ambiente.

Desde 1992, quando foi criada a Associação Indígena Apiwtxa, os índios vêm recebendo treinamentos para desenvolver seus conhecimentos. Em parceria com instituições nacionais

e internacionais foi possível viabilizar o aproveitamento sustentável de recursos naturais da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia.

Os índios sabem tudo sobre botânica – catalogaram mais de 50 produtos do local –; vigilância e conservação ambiental para a proteção do território indígena contra as invasões; coleta de sementes de árvores nativas para reflorestamento da região; foi criado um grupo de agentes agroflorestais mirins Ashaninka para transmitir os seus conhecimentos; em 1999, coletaram um cipó denominado regionalmente de “espera-aí” (*uncaria tomentosa*), utilizado na indústria farmacêutica; implementaram a apicultura e a piscicultura, que proporcionou o repovoamento do Rio Amônia, os igarapés e os lagos; além de iniciativas para aumentar a recomposição da fauna silvestre.

Desde 2007, iniciaram o Projeto de Implantação Digital das Comunidades da Floresta na Região do Alto Juruá. Todas essas iniciativas deram aos Ashaninka uma notável experiência e acompanhamento de alternativas econômicas em harmonia com o meio ambiente.

Desde a demarcação territorial, a Associação Ashaninka tenta sensibilizar a população vizinha sobre as idéias do desenvolvimento sustentável e diminuir o impacto socioambiental. Para essa nova consciência da população regional, os Ashaninka procuram integrar outros povos indígenas e famílias não-indígenas nos projetos por eles desenvolvidos.





Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT

A ABGLT foi fundada em 31 de janeiro de 1995, por 31 grupos LGBT. Atualmente são 203 organizações afiliadas de todo o Brasil. Sua missão principal é promover a cidadania e defender os direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma democracia sem quaisquer formas de discriminação, afirmando a livre orientação sexual e identidades de gênero.

A ABGLT surgiu como uma instância nacional de representação das manifestações da cultura LGBT e tem desenvolvido um papel significativo na promoção da cidadania desses segmentos da população, inclusive incentivando o aumento de sua visibilidade, como é o caso do crescente número de Paradas LGBT em todo o país.

A ABGLT tem sido parceira do Governo Federal, contribuindo de diversas formas para

que a cultura LGBT seja promovida por meio de políticas públicas. Exemplos disso são a colaboração na elaboração e na implantação e implementação do Programa Brasil sem Homofobia, o papel de articulação na realização da I Conferência Nacional LGBT, a representação em Grupos de Trabalho LGBT nos Ministérios da Cultura, da Educação, da Saúde e da Secretaria Nacional de Segurança Pública. A ABGLT também tem vaga no Conselho Nacional de Saúde e no Conselho Nacional de Combate à Discriminação.

Desde 2004 a ABGLT, por meio do projeto “Aliadas”, vem desempenhando um papel de articulação no Congresso Nacional referente a projetos de lei que visem à promoção e à defesa dos direitos das pessoas LGBT e na consecução de recursos financeiros para viabilizar a execução do Programa Brasil sem Homofobia, inclusive na área da cultura. Por meio desta parceria, desde 2005 o Ministério da Cultura vem apoiando as paradas e outros eventos de celebração do Orgulho LGBT.

Associação Brasileira de Imprensa – ABI

Criada em 7 de abril de 1908, pelo perseverante jornalista e idealizador Gustavo Lacerda, o principal objetivo da Associação Brasileira de Imprensa – ABI – era assegurar à classe jornalística os direitos assistenciais e tornar-se um centro poderoso de ação. Um campo neutro em que se pudessem abrigar todos os trabalhadores da imprensa.

Na época, o meio jornalístico encontrava-se disperso, mas, em busca de autodefesa e de prestigiar a classe à qual pertenciam, os profissionais de imprensa foram aderindo à entidade em proporções cada vez mais animadoras, e o prestígio da instituição cresceu.

Nas duas primeiras décadas de existência – quando o Rio de Janeiro ainda era a capital da República – a ABI acomodava-se em espaços



alugados. Só nos anos 30, sob a liderança de Herbert Moses, foi construída a sede atual, um marco na arquitetura moderna brasileira.

Ao longo desses anos todos a ABI jamais deixou de cumprir os objetivos traçados desde a sua origem. Seus estatutos foram ajustados às diversas situações socioeconômicas da indústria jornalística. Foi na sede da ABI que se realizaram as reuniões patrióticas que antecederam a Lei de 1953, que instituiu a Petrobras.

Nos períodos de dois regimes ditatoriais, com o Estado Novo e o golpe militar de 64, a ABI intermediou a soltura de jornalistas presos e submetidos a inquéritos policiais, acusados de subversão. Por sua atuação, por ter se tornado um marco da resistência ao arbítrio e ao autoritarismo, a sede da entidade chegou a ser alvo de atentados terroristas promovidos pela direita.

Da gestão de Gustavo Lacerda, passando por Prudente de Moraes Neto, Barbosa Lima Sobrinho, até o atual presidente, Maurício Azêdo, muitos outros dedicados jornalistas ajudaram a escrever a História da Associação Brasileira de Imprensa, cuja fundação, há 100 anos, deu relevante contribuição ao processo de democratização do país.





Associação Comunidade Yuba

A Associação Comunidade Yuba está localizada em Mirandópolis (interior de São Paulo) a 600 quilômetros da capital paulista. A comunidade cravada no interior do estado ainda preserva culturas milenares e cultiva, além da roça, uma rotina cultural sem paralelo com outras comunidades no Brasil.

Yuba já foi uma grande comunidade com cerca de 300 integrantes. Hoje, sua composição vai de Issei “primeira geração” a Yonsei “quarta geração”, com 24 famílias, num total de 60 pessoas.

A filosofia da comunidade – Trabalho, Oração e Arte – foi elaborada por Isamu Yuba (1906-1976), imigrante japonês, que fundou a colônia em 1935.

Na fazenda Yuba as crianças aprendem que cultivar a arte é tão importante quanto o trabalho na roça. A língua falada dentro da comunidade é a japonesa, mas as crianças aprendem o português a partir dos seis anos de idade, quando começam a frequentar a escola estadual.

Cerca de 60% de tudo o que consomem é produzido na própria fazenda: frutas, verduras, leite, carne, pão, manteiga, geléias, macarrão e até shoyu. Há um poço artesiano que abastece a fazenda, inclusive o ofurô coletivo, masculino e feminino.

As atividades culturais desenvolvidas pela comunidade são o balé, o teatro, o coral, recitais com vários instrumentos musicais, a pintura, a cerâmica, o haicai e o artesanato. Como atividade

desportiva, há aulas e orientações de beisebol e de atletismo.

Os resultados anuais das atividades culturais são apresentados entre os dias 25 e 30 de dezembro de cada ano, com o nome de “Evento Natalino”, no Teatro Yuba, dentro da própria comunidade, e são apreciados pelo público em geral. O número de apresentações do Balé Yuba, a partir do evento realizado no Natal de 1961 até hoje, chega a 860.





integrou-se à equipe de profissionais que participaram da construção da nova capital federal.

Entre outros monumentos, contam com memoráveis trabalhos do artista plástico o Palácio da Alvorada (pintura do teto da capela), a Igrejinha de Nossa Senhora de Fátima (azulejos), o Palácio do Itamaraty (vitrais) e o Teatro Nacional Cláudio Santoro (relevo externo).

Athos Bulcão viveu em Brasília durante mais de meio século e manteve-se em plena atividade, desenvolvendo projetos pessoais ou em parceria com os mais renomados arquitetos brasileiros, até seu falecimento em julho deste ano, aos 90 anos de idade.

Pelo conjunto de sua obra, alcançou reconhecimento nacional e internacional, e recebeu diversos prêmios e condecorações, como a Ordem do Mérito Cultural, com a qual o Ministério da Cultura já o havia homenageado, em 1995, na classe de Comendador, e agora o promove à de Grã-Cruz, *in memoriam*.

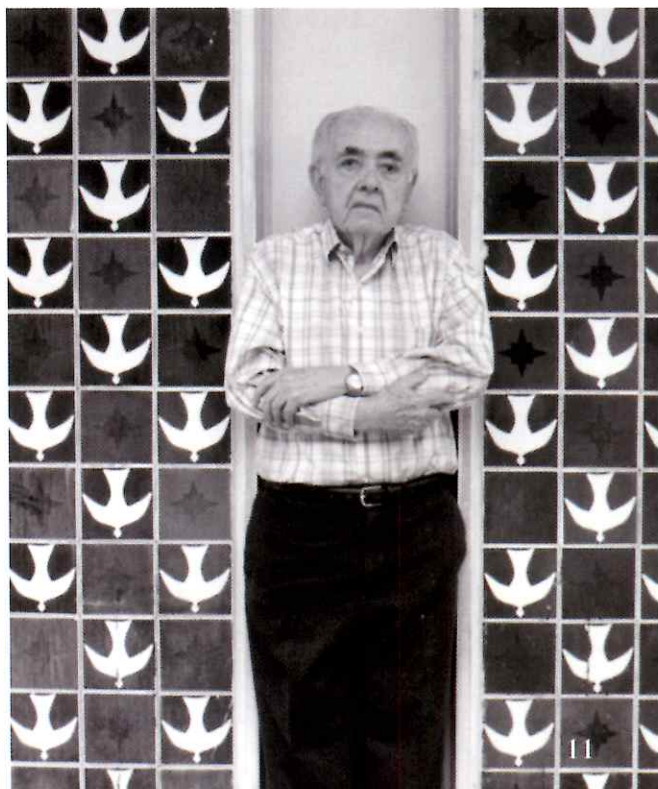
Athos Bulcão, *in memoriam*

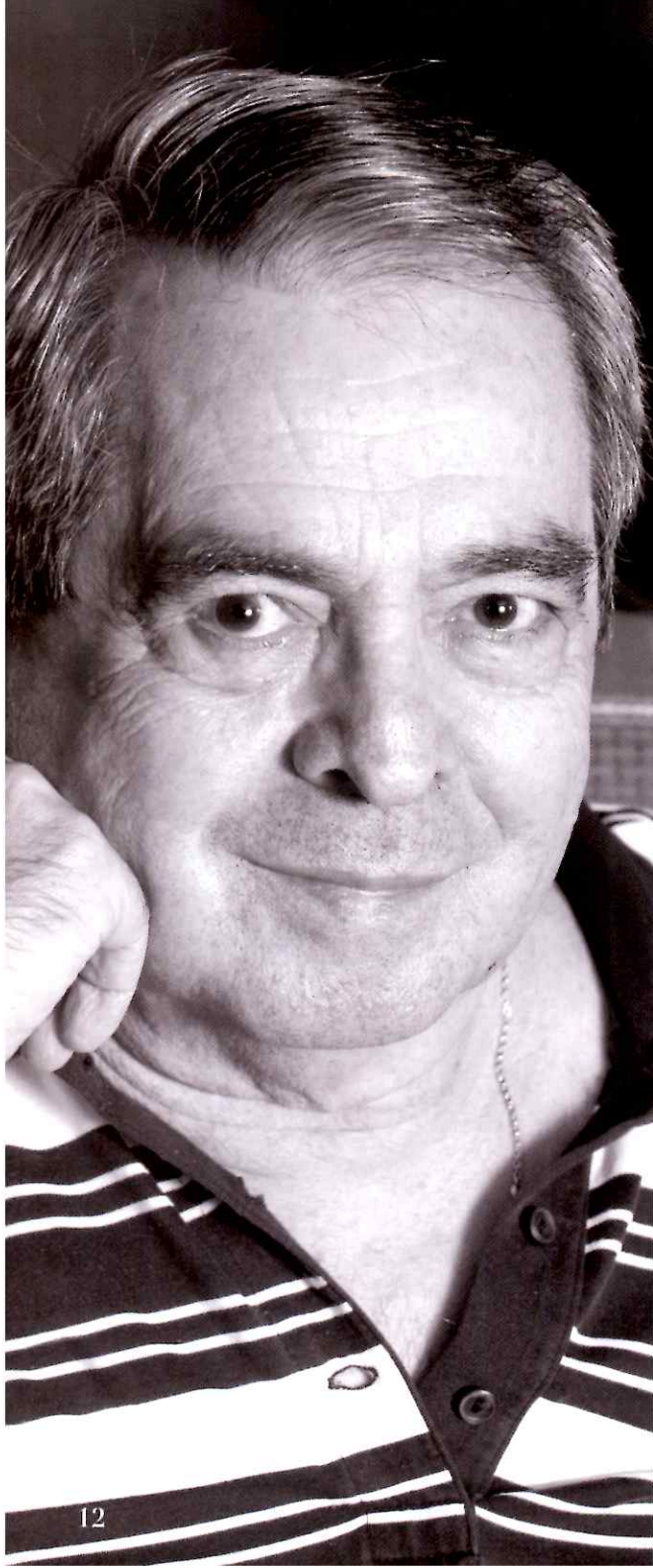
Escultor, pintor, desenhista e mosaicista, Athos Bulcão era considerado o artista-símbolo de Brasília, cidade que ajudou a construir. Nascido em 1908, no Rio de Janeiro, começou a dedicar-se exclusivamente às artes visuais quando decidiu abandonar a Faculdade de Medicina, em 1939.

A sua primeira exposição individual marcou a abertura da nova sede do Instituto de Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1944. No ano seguinte, junto com Portinari, trabalhou no mural da Igreja de São Francisco da Pampulha, em Belo Horizonte.

Entre 1951 e 1958, foi funcionário do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, onde fez ilustrações para livros, catálogos e revistas. Também realizou, como artista gráfico, fotomontagens e, como desenhista, capas de discos, cenários e figurinos para peças de teatro e óperas, dentre outras atividades artísticas.

Em 1955, como escultor e mosaicista, Bulcão passou a colaborar com Oscar Niemeyer e, em 1957,





Benedito Ruy Barbosa

O escritor e romancista Benedito Ruy Barbosa nasceu em 1931, na cidade de Gália, estado de São Paulo. Seu pai, Otávio Elias, era tipógrafo e conseguiu fundar o seu próprio jornal. Sua mãe, Aurora, era filha de fazendeiros de café. Benedito tinha 12 anos quando seu pai faleceu.

Acostumado às discussões políticas do jornal e da livraria que o pai também tinha, era um garoto irrequieto, preocupado, inteligente, resolutivo. Alfabetizou-se muito cedo, no manuseio dos tipos na tipografia.

Aos 17 anos, achando que o interior não lhe daria futuro, foi morar na capital paulista. Logo conseguiu emprego na área de contabilidade e galgou um posto elevado. Mudou-se para o Paraná. Outra vez em São Paulo, e não querendo mais ser contador, foi trabalhar em jornal.

Ia bastante ao teatro. E foi assistindo *Shapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Viana Filho, que sentiu a grande mudança de sua vida. Ficou para o debate após a peça e acabou fazendo amizade com o autor, que o convidou para almoçar. Desse encontro, saiu com a responsabilidade de escrever uma peça de teatro. *Fogo Frio* foi um sucesso. Estava selada a carreira de escritor e romancista de Benedito Ruy Barbosa.

Para a TV Tupi escreveu *Meu Filho, Minha Vida*, *Somos Todos Irmãos* e *Simplesmente Maria*, entre outras obras. Para a TV Excelsior fez *O Morro dos Ventos Uivantes*, novela baseada no romance de Emily Brontë. Escreveu a seguir a trilogia *O Tempo e o Vento*, com base no romance de Érico Veríssimo. Para a TV Record fez *Algemas de Ouro* e *A Última Testemunha*. Para a TV Cultura fez *Meu Pedacinho de Chão*. Para a TV Globo, grandes sucessos, entre os quais *O Feijão e o Sonho*; *Cabocla* e *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Para a Manchete escreveu a imbatível novela *Pantanal*.

Bule Bule (Antônio Ribeiro da Conceição)

Bule Bule é o nome artístico de Antônio Ribeiro da Conceição, nascido em 22 de outubro de 1947, em Antônio Cardoso, no interior do estado da Bahia. Músico, escritor, compositor, poeta, cordelista, repentista, ator e cantador.

O samba rural e o repente nordestino baiano têm, na figura de Bule Bule, um representante ativo nas últimas décadas. Esse escritor de cordéis é considerado um legítimo defensor de gêneros musicais nordestinos, como das chulas do sertão, cocos, martelos, agalopados, xote, marche de pé-de-serra e repentes.

Ao longo dos seus cerca de 40 anos de carreira, gravou seis CDs: *Cantadores da Terra do Sol*,



Série Grandes Repentistas do Nordeste, A Fome e a Vontade de Comer, Só Não Deixei de Sambar, Repente Não Tem Fronteiras e Licutixo; editou quatro livros: *Bule Bule em Quatro Estações, Gotas de Sentimento, Um Punhado de Cultura Popular* e *Só Não Deixei de Sambar*. Escreveu mais de 80 cordéis; participou de vários seminários como palestrante e de várias peças teatrais e publicitárias agraciadas com o Prêmio Colunista.

Bule Bule escreveu diversos cordéis de tom contemplativo existencial e também de cunho político. Durante o regime militar, fez diversos cordéis clamando por liberdade e justiça social. Também já produziu cordel de temática ecológica.

Sentindo a necessidade de atuar em outras frentes como aglutinador cultural, funda, em 1997, o Instituto de Pesquisa, Estudo e Ensino da Cultura Popular do Nordeste.

Atualmente, ocupa o cargo de gerente de Cultura da Prefeitura Municipal de Camaçari, diretor da Associação Baiana de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia e da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel.

Carlos Lyra (Carlos Eduardo Lyra Barbosa)

O compositor, cantor e violonista Carlos Eduardo Lyra Barbosa nasceu no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. Começou a fazer música com um piano de brinquedo aos sete anos de idade, passando, em seguida, para a gaita de boca. Ainda adolescente, aprendeu a tocar violão.

Concluiu o segundo grau no Colégio Mallet Soares, em Copacabana, onde conheceu o compositor Roberto Menescal, com quem montou a primeira Academia de Violão. Por lá passaram Marcos Valle, Edu Lobo, Nara Leão, Wanda Sá, entre outros. Participou da primeira geração da Bossa Nova junto com os parceiros Ronaldo Bôscoli, Tom Jobim e Vinícius de Moraes e o intérprete João Gilberto, todos representados no LP *Chega de Saudade*, lançado em 1958.

Carlos Lyra foi um dos fundadores do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes. Conheceu Cartola, Zé Keti, Nelson Cavaquinho, Elton Medeiros e João do Vale e aproximou a música do morro e a música rural da música da classe média.

Saiu do Brasil em 1964. No período em que morou no México, montou vários espetáculos, gravou dois discos e casou-se com a atriz e modelo norte-americana Katherine Lee Riedel, em 1969, com quem tem uma única filha, Kay Lyra.

De volta ao Brasil em 1971, teve muitas músicas censuradas e, inclusive, um disco inteiro, pelo regime militar. Mudou-se, em 1974, para Los Angeles em seu segundo auto-exílio e cursou a Escola de Astrologia Sideral, o que o levou a escrever dois livros sobre o assunto.

Retornou ao Brasil em 1976, continuou compondo com novos parceiros, entre os quais Paulo César Pinheiro, Heitor Valente, Daltony Nóbrega e Millôr Fernandes.





Centro Cultural Piollin

O Centro Cultural Piollin é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que desenvolve e promove a cultura no estado da Paraíba. Conta com uma equipe dedicada à viabilização de projetos de difusão cultural e ações de inclusão social por meio de várias iniciativas pedagógicas.

A história do Piollin teve início em 1977, na cidade de João Pessoa, quando um grupo de atores resolveu desenvolver atividades de estudo e de produção de teatro. Eles ocuparam algumas salas abandonadas do convento Santo Antônio, no centro histórico da cidade. Desta forma surgiu a Escola Piollin, hoje Centro Cultural Piollin, que teve como primeiros recursos o resultado da premiação do espetáculo “O Aborto” no Festival Regional de Teatro Amador, na cidade de Salvador. Em pouco tempo, a agenda do grupo se tornou extensa, com apresentações de teatro, música, filmes e oficinas, transformando-se em um núcleo de referência na difusão da cultura paraibana.

Hoje, a Piollin ocupa imóveis de um antigo Engenho de Açúcar da primeira metade do Século XIX: a casa grande, a fábrica de rapadura e mais dois galpões, construídos nas duas últimas décadas do século passado. As atividades com arte-educação estão completando 30 anos.

Atualmente, três programas principais estão em implementação: a restauração da estrutura física dos imóveis do antigo Engenho Paul – a casa grande e a casa da moenda – e a implantação do projeto paisagístico de todo o seu entorno; a arte e educação, para a formação de 180 pessoas, entre crianças, adolescentes e jovens, por meio de oficinas de arte, nos turnos da manhã e da tarde; e o programa de difusão cultural, que trata de uma agenda de espetáculos de arte e cultura para a população da cidade, em especial para os moradores do Bairro Roger.

O Centro Cultural Piollin tem se firmado como centro de estudo, produção e difusão das artes cênicas, ao mesmo tempo em que vem atuando no campo da formação de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, e de moradores de comunidades próximas à sede da escola.



Claudia Andujar

Claudia Andujar, um dos grandes nomes da fotografia mundial, nasceu na Suíça e mudou-se para o Brasil em 1955, naturalizando-se brasileira.

No final da década de 70 passou a usar a fotografia como instrumento de luta pela preservação dos povos indígenas do Brasil.

O início de um amplo trabalho fotográfico entre os Índios Yanomami, na Floresta Amazônica, foi graças a bolsas da Fundação John Simon Guggenheim, de Nova York (1972 e 1974), e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (1976) para um projeto autoral de fotografia entre os índios dos estados de Roraima e Amazonas.

O envolvimento pela causa a levou a ser uma das fundadoras da Comissão Pró-Yanomami (CCPY), em 1978. Originalmente denominada Comissão pela Criação do Parque Yanomami, é uma

organização não-governamental brasileira, sem fins lucrativos, dedicada à defesa da vida, da terra e da cultura dos índios Yanomami.

Teve seus trabalhos expostos em diversas mostras, individuais e coletivas, dentre as quais a Bienal Internacional de São Paulo, com a instalação *Na Sombra das Luzes*, em 1998; Coleção Pirelli/MASP de Fotografia em 1998; Photo España 99, em Madri, com *Retrospectiva Yanomami*. Em 2005, expõe, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, *Vulnerabilidade do Ser*, a leitura mais completa já realizada sobre sua obra. É autora dos livros *Bicos World*, Estados Unidos, 1958; *The Amazon*, Holanda, 1973; *Amazônia* – em parceria com George Love –, 1978; *Mitopoemas Yanomami e Yanomami em Frente do Eterno*, 1979; *Missa da Terra sem Males*, 1982. Em 1972, realiza o filme documentário *Povo da Lua, Povo do Sangue: Yanomami* e em 1996 lança, em CD-ROM, a obra *Um Mundo Chamado São Paulo*.



Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

No início da atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o setor de cultura ainda não havia sido construído. A bandeira, o hino, as artes e a cultura camponesa representaram o pilar formador da cultura do Movimento Sem Terra, que estava atrelada às culturas tradicionais das comunidades rurais brasileiras, como também a uma cultura de resistência, construída na luta contra o latifúndio improdutivo.

A cultura no MST começou por meio do cotidiano dos acampamentos, dos assentamentos, das reuniões, encontros, atividades pedagógicas, das danças, das festas e das manifestações. O conceito de cultura foi democratizado, associado a toda a trajetória do MST de lutas e conquistas para a Reforma Agrária, que reúne um



pouco de cada cultura brasileira, e representado também a partir das pinturas, fotografias, filmes e tudo o que se encontra na vivência do trabalhador rural sem terra.

Foram criadas produções de vídeo, organizadas oficinas nacionais de música, assumindo a linguagem artística musical como prioridade a ser trabalhada. A construção das Oficinas de Artes, nos centros de formação do MST, com a finalidade de formarem agentes multiplicadores das linguagens artísticas – música, artes plásticas, dança, literatura, teatro – foram fundamentais para a organização do Setor de Cultura nos estados brasileiros.

A partir dessas ações, brotaram nas regiões brasileiras as brigadas de cultura, que adquiriram um papel fundamental na organização da cultura nas áreas de acampamento e assentamento da Reforma Agrária, principalmente com a juventude rural. Elas se exprimem por meio de diversas linguagens artísticas, com grupos específicos de produção teatral, literária, pinturas e murais, musicais, danças e demais manifestações da cultura popular.

Outra consequência da luta do MST pela cultura foi a conquista do reconhecimento de 18 Centros de Formação como Pontos de Cultura. Os centros já existiam como pólos educacionais do movimento e se fortaleceram como espaços culturais.

Todos os espaços fazem parte de um processo de formação de cidadania e também de luta para a conquista de espaços que incentivem, produzam e divulguem a produção cultural nas áreas de reforma agrária brasileira.





Dulcina de Moraes (Dulcina Mynssen de Moraes) *in memoriam*

Reconhecida como uma das grandes divas do Teatro nacional, Dulcina de Moraes nasceu em 1908, em Valença, no estado do Rio de Janeiro, em uma família de artistas mambembes, com a qual fez suas primeiras apresentações quando criança.

Sua estréia como profissional aconteceu ainda na adolescência, aos 15 anos, quando foi contratada pela Companhia Brasileira de Comédia para atuar no espetáculo *Travessuras de Berta*. Aos 17 anos ingressou na companhia de Leopoldo Fróes, o mais importante grupo teatral do início do século passado, interpretando o papel principal de *Lua Cheia*, de André Birabeau.

Naquela época, o seu desempenho no palco já se destacava pela forma de interpretar, com muita expressão facial e gestual, considerado pela crítica um estilo mais apropriado para a encenação de tragicomédias.

Dulcina de Moraes decidiu, então, fundar a sua própria companhia, o que fez em 1934, junto

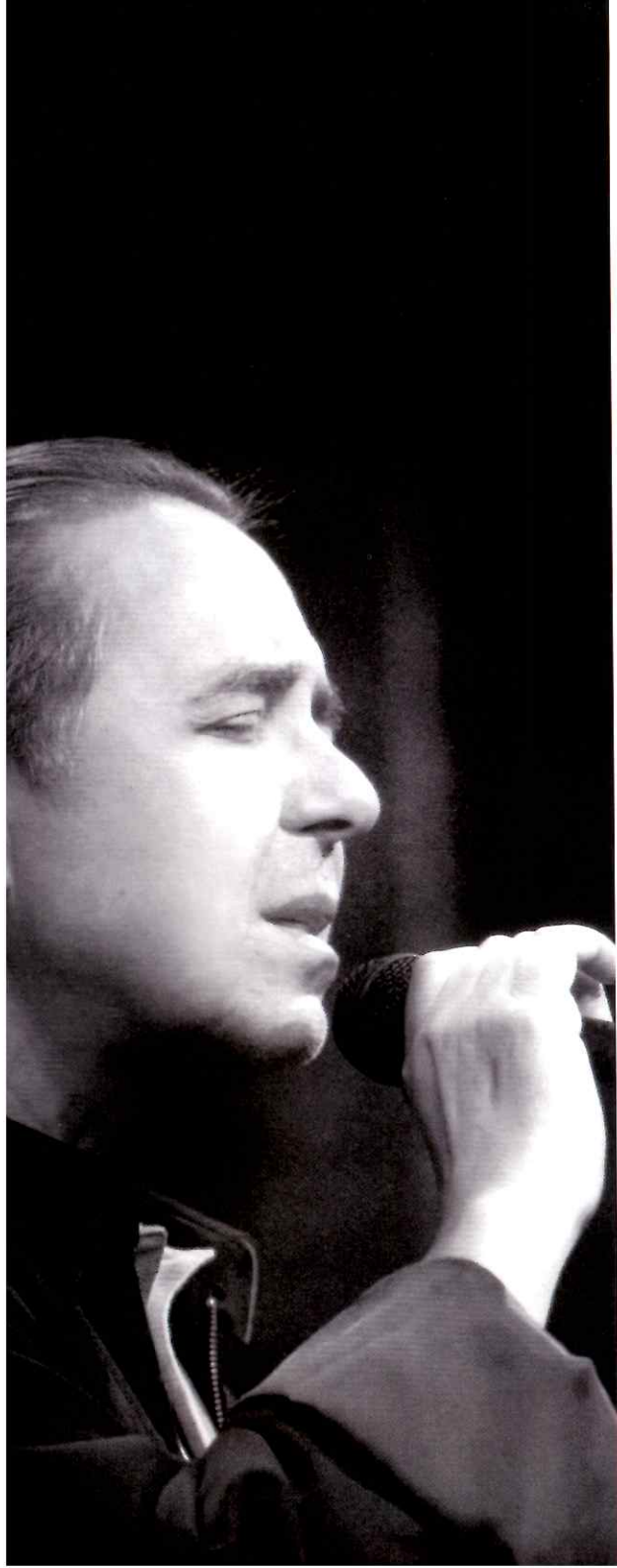
com o ator Odilon de Azevedo, seu marido. A partir daí, transformou a cena teatral brasileira com a introdução de uma série de novidades, inclusive benefícios para os profissionais da classe, como a instituição da folga às segundas-feiras.

A companhia Dulcina-Odilon foi responsável pela montagem de grandes espetáculos como *Amor*, peça de Oduvaldo Vianna, e *Chuva*, adaptação de John Colton e Clemence Randolph do conto de Somerset Maugham, além de textos de Garcia Lorca e Jean Cocteau, dentre outros autores.

Na década de 50, no Rio de Janeiro, criou a Fundação Brasileira de Teatro, que foi transferida para Brasília nos anos 70 e deu origem à Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, a primeira do país a ter reconhecimento oficial.

Como atriz, diretora e produtora, Dulcina de Moraes recebeu alguns dos mais importantes prêmios voltados para as artes cênicas, mas os dez últimos anos antes de sua morte, ocorrida em 1996, foram dedicados às suas atividades como educadora.





Edu Lobo (Eduardo de Góis Lobo)

Parceiro de grandes nomes da Música Popular Brasileira, o instrumentista, compositor, arranjador, orchestrador e cantor Edu Lobo se notabiliza por suas obras com elaboradas linhas melódicas e letras marcadas pela temática de conteúdo social.

Criado no Rio de Janeiro, cidade na qual nasceu em 1943, teve uma formação musical clássica e aprendeu a tocar acordeão, mas na adolescência foi atraído por outro instrumento, o violão.

O início de sua carreira artística foi em 1961, com apresentações em casas noturnas cariocas e programas na televisão. No ano seguinte, já estaria gravando as composições de sua autoria *Balancinho* e *Amor de Ilusão*, em um compacto duplo com texto da contracapa assinado por Vinícius de Moraes.

Com um trabalho voltado para a cultura popular, compôs *Chegança* e as demais canções de *Os Azereados Mais os Benevides*, peça de Oduvaldo Viana Filho, encenada em 1963. Começava aí uma série de trilhas sonoras para o teatro, com destaque para *Upa Neguinho*, que fez grande sucesso.

Edu Lobo ficou mais conhecido do público quando venceu, com *Arrastão*, em 1965, o I Festival de Música Popular Brasileira e, dois anos depois, com *Ponteio*, a terceira edição do evento.

Também cria canções e trilhas para filmes, musicais e programas televisivos, além de trabalhar na orquestração e arranjos para discos e outras produções musicais. Com uma discografia de mais de 50 títulos, recebeu o Prêmio Shell de melhor compositor pelo conjunto da sua obra e o Grammy Latino por *Cambaio*, escolhido o melhor CD de música brasileira.

O DVD *Vento Bravo*, de 2007, é o mais recente trabalho audiovisual lançado pelo compositor que, atualmente, dedica-se ao estudo de programas de música no computador e começa a preparar um *songbook*, com cerca de 120 músicas.

Efigênia Ramos Rolim

Efigênia Ramos Rolim é artista plástica, contadora de histórias e poeta. Sua história é retratada no documentário *Filme da Rainha*, dirigido por Sérgio Mercúrio. Delicado, divertido e comovente, o filme sobre a vida e obra de Efigênia Ramos Rolim, a “Rainha do Papel”, é uma homenagem a essa artista cujas mãos dão outra forma ao mundo.

Onde muitos enxergam lixo, a mineira – atualmente vive em Curitiba – vê a matéria-prima para um trabalho artístico. A partir de papéis de bala, bonecas velhas e retalhos, surgem objetos dos mais diversos tamanhos e formas, como bonecos, carros, noivinhos ou imagens fantasiosas.

A arte de Efigênia se dá por duas vias. Seus objetos, criados a partir de rejeitos, desafiam a imaginação logo no primeiro contato, mas,

quando acompanhados pelos comentários em versos da repentista, ganham nova dimensão.

Efigênia Ramos Rolim desenvolveu uma habilidade ímpar para contar histórias e para falar em versos. Participou como contadora de histórias do Festival de Artes da Rede Estudantil – II FERA (2005) e do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (2003), além de ministrar “Oficinas de Roupas” e “Contando Estórias” no Colégio Álvaro Pimentel, em Belo Horizonte (2001), e oficinas “Contando Estórias” nas escolas Positivo, em Curitiba (2000).

O seu Museu Vida do Papel de Bala foi uma das 260 iniciativas selecionadas no *Prêmio Culturas Populares 2007 – Mestre Duda 100 Anos de Frevo*, concurso desenvolvido pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura.



Elza Soares

(Elza da Conceição Soares)

Artista de projeção internacional, reconhecida como a Embaixatriz do Samba, Elza Soares impressiona por seu timbre de voz rouco, pelo ritmo e estilo próprio de interpretar. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1937, e, apesar de ter se casado e sido mãe muito cedo, não abriu mão de sua vocação de cantora.

Em 1953, recebeu a nota máxima no programa de calouros de Ary Barroso, na Rádio Tupi, e, pouco tempo depois, fez um teste para uma orquestra de bailes, sendo contratada como *crooner*. Após uma temporada na Argentina, gravou o seu primeiro disco – um compacto simples, com as músicas *Se Acaso Você Chegasse* e *Mack the Knife* (1959).

Já conhecida do grande público, vai para São Paulo e passa a se apresentar em teatros e casas noturnas. Na sua discografia, constavam na época as gravações de *Mulata Assanhada*, *Beijame*, *Edmundo* e outras músicas de sucesso.

Em 1962, integrou o grupo de artistas que foi representar o Brasil na Copa do Mundo no Chile e conheceu o grande astro da Seleção Brasileira, Mané Garrincha, com quem formaria um dos mais famosos casais da época. Nos anos que se seguiram, sua carreira teve altos e baixos, apesar dos muitos sambas, discos, espetáculos e público fiel.

Afastou-se durante um período, mas retornaria à cena artística com o LP *Voltei* (1988). Lançou, em 1997, sua biografia *Cantando pra Não Enlouquecer* e, em 2000, recebeu da BBC o prêmio de Cantora do Milênio. Com o CD *Do Cócix até o Pescoço* (2002) se reaproximaria do público e da nova geração de sambistas.

Em 2007, retorna aos palcos com o espetáculo *Beba-me*, uma releitura dos grandes sucessos de sua carreira, e encanta o mundo com sua interpretação do Hino Nacional Brasileiro, na cerimônia dos Jogos Pan-Americanos, no Rio de Janeiro.



Emanoel Araujo **(Emanoel Alves de Araujo)**

Emanoel Alves de Araujo é escultor, desenhista, gravador, cenógrafo, pintor, curador e museólogo. Nasceu na cidade baiana de Santo Amaro da Purificação, cenário que o inspirou para a execução de algumas de suas produções.

Descendente de três gerações de ourives, ainda criança foi aprendiz de marceneiro e talhador e já aos 13 anos passou a trabalhar na Imprensa Oficial da sua cidade, em linotipia e composição gráfica. Essa experiência do fazer foi fundamental na sua formação.

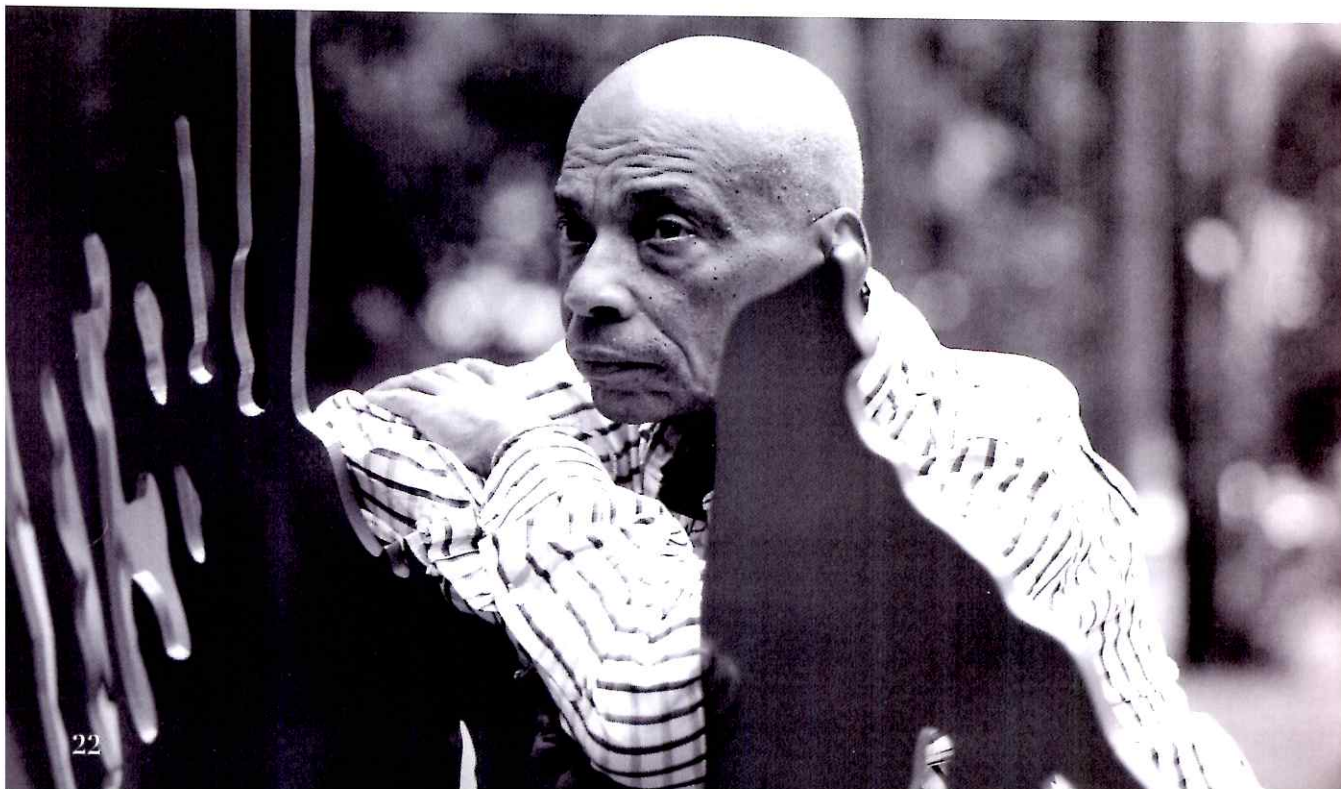
Mudou-se para Salvador, com planos de cursar Arquitetura. No entanto, o freqüentador de exposições, museus e ateliês acabou por ingressar na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.

Emanoel Araujo realizou sua primeira exposição individual aos 20 anos, na Bahia, e nos

anos seguintes já mostrava sua obra em galerias do Rio de Janeiro e São Paulo. Ao longo da carreira, acrescentou ao seu currículo dezenas de exposições individuais e coletivas pelo Brasil e exterior – México, Cuba, Chile, Nigéria, Israel, Japão, Estados Unidos e alguns países da Europa. Muitas de suas obras figuram nos principais museus brasileiros, coleções particulares e edifícios públicos e privados.

Dentre os prêmios recebidos, destacam-se a Medalha de Ouro da III Bienal Gráfica de Florença, Itália (1972); o de Melhor Gravador do Ano (1974) e o de Melhor Escultor do Ano (1983), ambos concedidos pela Associação de Críticos de Arte de São Paulo.

Foi diretor do Museu de Arte da Bahia, de 1981 a 1983, e da Pinacoteca do Estado de São Paulo, de 1992 a 2002, período em que liderou uma reestruturação, tornando a Pinacoteca um dos museus mais atraentes do Brasil. Desde 2004, é curador e diretor do Museu Afro Brasil.



Eva Todor (Eva Fodor Nolding)

Eva Todor nasceu Eva Fodor, em Budapeste, Hungria, no dia 9 de novembro de 1919, e mudou-se para o Brasil aos oito anos de idade. Em sete décadas de carreira, a atriz tem construído personagens marcantes no teatro e em novelas, minisséries e seriados de TV. No cinema, apesar de poucos trabalhos, a sua participação no filme *Os Dois Ladrões*, de Carlos Manga, em 1960, em que contracenava com Oscarito, é um marco no cinema brasileiro.

Eva Todor estreou em 1934, no Teatro Recreio, no Rio de Janeiro, numa revista carnavalesca chamada *Há Uma Forte Corrente*, de Luiz Iglésias, com quem se casou, formando uma grande parceria na vida e nos palcos.

Criou um estilo pessoal em comédias – interpretação baseada na meninice e na leveza cultivadas nas comédias de costumes –, que se tornou a sua marca.

Em 1940, naturalizada brasileira, fundou com o marido a Companhia Eva e Seus Artistas, que durante 23 anos consecutivos produziu mais de 100 peças no Teatro Serrador e realizou turnês também no exterior – Portugal e África.

Mesmo com a morte de Luiz Iglésias em 1963 e o fim da companhia, Eva Todor não abandonou os palcos. Em 1965, casou-se com o engenheiro químico-industrial Paulo Nolding, que se tornou seu empresário.

O estilo “Eva” criado nos primeiros anos de carreira foi deixado de lado por volta de 1966, com a peça *Senhora da Boca do Lixo*, de Jorge Andrade, sob a direção de Dulcina de Moraes. O gênero cômico continuou sendo seu favorito, mas a atriz também exibiu sua versatilidade em interpretações marcantes como *Em Família* e *Quarta-Feira sem Falta, Lá em Casa*.

Em 2008, lançou sua biografia com o título *O Teatro da Minha Vida*, um depoimento a Maria Ângela de Jesus.





Giramundo Teatro de Bonecos

O Giramundo é um dos grupos de teatro de bonecos mais atuantes e premiados do mundo. Foi criado em 1970 pelos artistas plásticos Álvaro Apocalypse, Terezinha Veloso e Maria do Carmo Vivacqua Martins. Além de produções teatrais, as atuações do grupo estendem-se também ao cinema, vídeo, televisão, escolas de marionetes, oficinas de construção de marionetes, exposições, cursos de formação de profissionais na área.

No campo da produção de espetáculos, o Giramundo já criou 33 peças em 37 anos. Esse ritmo acelerado resultou na significativa coleção

de bonecos do grupo, além de contribuir para acumular uma ampla experiência de montagem de espetáculos para teatro de bonecos.

A partir dos anos 90, com a consolidação do eixo “teatro-museu-escola”, que rege toda a atividade do Giramundo, o grupo passou a vincular sua atuação à educação, à conceituação do teatro de bonecos e à formação de novos marionetistas. As atividades fazem do Giramundo não somente um grupo de teatro de bonecos, mas uma instituição de caráter público, institucional e transformador.

Dois lados coexistem na criação dos espetáculos do Giramundo: um tradicional, interessado nas formas históricas do teatro de bonecos, e outro experimental, orientado pela pesquisa das possibilidades de encenação com bonecos. Essa dualidade se traduz praticamente em toda a carreira do grupo, especialmente nas últimas montagens, onde a introdução do vídeo abriu novas possibilidades de intercâmbio entre teatro de bonecos e videoanimação.

A produção dos novos espetáculos do Giramundo se dá, atualmente, com o diálogo estabelecido entre as montagens. Isso fica evidente na série *Miniteatro Ecológico* e nas três últimas grandes montagens para adultos do grupo: *Pinnocchio*, *A Flauta Mágica* (2006) e *Vinte Mil Léguas Submarinas* (2007). Neles, além de similaridades de estilo, há uma clara evolução na utilização das videoanimações, no trabalho corporal dos atores e na própria criação dos bonecos.



Goiandira do Couto (Goiandira Ayres do Couto)

Goiandira Ayres do Couto (Catalão, estado de Goiás, 12 de setembro de 1915) é uma artista plástica brasileira. Cresceu rodeada pelos livros e o talento do pai, Luís de Oliveira Couto – poeta, advogado e historiador – e pela sensibilidade, pincéis e telas de sua mãe, Maria Ayres do Couto, que também era pintora. Além disso, conviveu com a poetisa, que era sua prima e amiga, Cora Coralina.

A pintura de Goiandira do Couto está dividida em duas fases distintas: a fase do óleo (1933–1967) e a fase da pintura com areia, iniciada em 1968.

Tendo começado a pintar desde criança, recebeu sua primeira premiação quando tinha 16 anos. Dois anos depois, realizou a primeira coletiva de pinturas a óleo sobre tela.

Aos 52 anos, começou a pintar com as areias de pedras trituradas da Serra Dourada, técnica única e exclusiva que a tornou reconhecida internacionalmente. O método reside exatamente na maneira como os seus dedos vão semeando os grãos de areia, a sensibilidade escolhendo e dosando cores e tudo se transforma em luz e sombra, em formas e dimensões, em arte e beleza.

Normalmente tematizando flores, casarões antigos e paisagens que retratam os becos tortuosos e os monumentos históricos da cidade em que vive – Goiás –, seus quadros podem ser encontrados em museus, em coleções de arte de personalidades nacionais e internacionais e até na sede da ONU.

Goiandira trabalha com 551 tonalidades de cores diferentes de areias (cor natural), dispostas em seu ateliê. Construiu ao lado de sua residência um centro cultural, onde expõe seus quadros e prêmios. A casa é frequentemente visitada por turistas e apreciadores de arte.





Guimarães Rosa (João Guimarães Rosa) *in memoriam*

Maior ficcionista regionalista brasileiro da segunda metade do Século XX, o escritor Guimarães Rosa nasceu em 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais. Criança curiosa e observadora, ainda menino demonstrou interesse pelo significado e origem das palavras, assim como pelo estudo de línguas estrangeiras.

Sua obra é marcada pelo apuro formal, originalidade, qualidade estética e elementos de inovação lingüística, especialmente *Grande Sertão: Veredas* (1956) – o único romance que escreveu –, no qual está presente a oralidade sertaneja e o regionalismo, igualmente nos contos e novelas de sua autoria.

Estudante de Medicina, em Belo Horizonte (na então Universidade de Minas Gerais), escreveu seus quatro primeiros contos – *Caçador de Camurças*, *Tempo e Destino*, *O Mistério de Highmore Hall* e *Makiné* – que foram premiados e publicados pela revista *O Cruzeiro*.

Guimarães Rosa formou-se em 1930, aos 22 anos, e foi trabalhar como médico em cidades do interior mineiro, primeiro em Itaguara e depois em Barbacena. Mas, logo cedo, descobriu não ter vocação para o exercício da profissão.

Tendo em vista sua cultura, erudição e conhecimentos lingüísticos – chegou a dominar dezenas de idiomas e dialetos – foi incentivado a prestar concurso para o Itamaraty. Ingressou na carreira diplomática e serviu na Alemanha, Colômbia e França.

Consagrado no Brasil e no exterior, por duas vezes candidatou-se a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Mas o escritor não chegou a desfrutar das atividades acadêmicas porque faleceu em 1967, poucos dias depois da sua posse.

Como contista e novelista, Guimarães Rosa tem publicados os livros *Sagarana* (1946), *Com o Vaqueiro Mariano* (1947), *Corpo de Baile* (1956), *Primeiras Estórias* (1962) e *Tutaméia: Terceiras Estórias* (1967). Após a sua morte, foram editados e publicados *Estas Estórias* (1969) e *Ave, Palavra* (1970).

Hans-Joachim Koellreutter

in memoriam

O flautista, professor, regente, compositor erudito, musicólogo e crítico de arte Hans-Joachim Koellreutter nasceu em 1915, na Alemanha. Graduado pela Academia Superior de Música de Berlim e pelo Conservatório de Música de Genebra, em 1937 veio para o Brasil, onde introduziu técnicas européias, sobretudo a de composição dodecafônica.

No Rio de Janeiro, criou o movimento Música Viva – que apregoa o poder da música como linguagem universal –, produziu um programa de mesmo nome na Rádio MEC e lecionou no Conservatório de Música. Tornou-se professor do Instituto Musical e participou da fundação da Orquestra Sinfônica Brasileira, da Escola Livre de Música, em São Paulo, e da Escola de Música de Salvador.

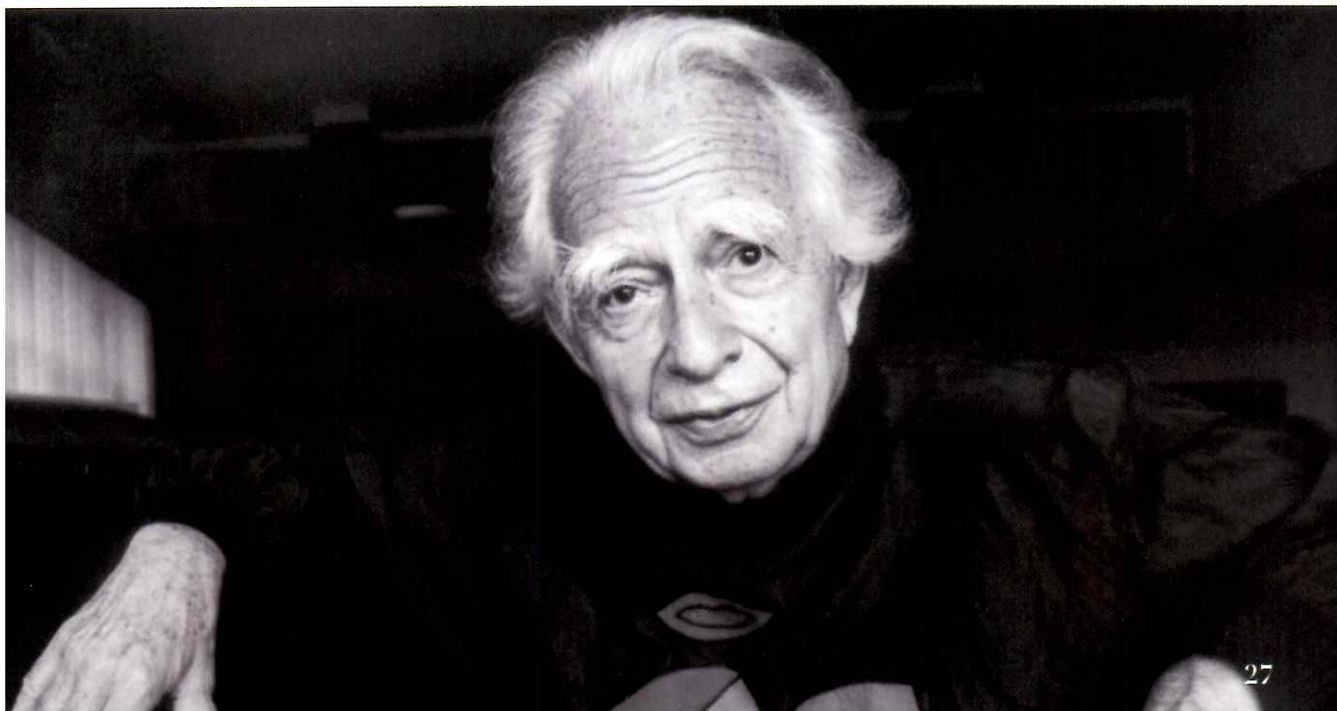
Foi diretor do Instituto Goethe e do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, dentre outros cargos de relevo, além de professor visitante do

Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e membro honorário da Academia Brasileira de Música.

Considerado uma das personalidades mais influentes na vida musical contemporânea do país, Koellreutter foi amigo de Villa-Lobos e professor de Tom Jobim, Edino Krieger, Isaac Karabtchevsky e Júlio Medaglia, dentre outros importantes regentes brasileiros.

Além do dodecafônismo, incorporou outras influências em seus métodos de ensino, como o da música microtonal, aprendida durante sua estada na Índia. Criou um estilo próprio de composição, no qual utilizava diversas tendências, como a tecnologia eletrônica, o serialismo e o expressionismo.

Koellreutter – que faleceu em 2005, em São Paulo – escreveu diversos livros e compôs cerca de uma centena de obras musicais, nas quais desenvolveu suas experiências estéticas. *Yûgen*, *Concretion 1960*, *Ácronon*, *Retrato da Cidade*, *Mutações*, a série *Tanka* e a ópera *Café*, sobre libreto de Mário de Andrade, são alguns desses “ensaios”, como o maestro gostava de chamar suas composições.



Instituto Baccarelli

O Instituto Baccarelli, associação civil sem fins lucrativos, tem por missão oferecer formação musical e artística de excelência proporcionando desenvolvimento pessoal e criando a oportunidade de profissionalização, com foco em crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Localizado em Heliópolis, Zona Sul de São Paulo, o Instituto Baccarelli gerencia os seguintes programas: *Sinfônica Heliópolis*, de prática orquestral; *Orquestra do Amanhã*, de iniciação e aprimoramento em estudo de instrumentos; *Coral da Gente*, de iniciação e aperfeiçoamento em canto coral, com técnicas de expressão cênica; e *Encantar na Escola*, iniciação em canto coral aplicado em escolas da rede pública.

Surgiu em 1996, alimentado pelo desejo do maestro Silvio Baccarelli de ensinar música às populações menos favorecidas, ideal que o acompanhou ao longo da carreira. Sensibilizado com a luta das famílias da comunidade de Heliópolis para recuperar suas casas e pertences após um incêndio no local, decidiu iniciar o ensino de instrumentos de orquestra para crianças e adolescentes, numa escola pública da região.

Alguns meses depois, 36 garotos iniciaram o estudo de violinos, violas, violoncelos

e contrabaixos. O espaço escolhido foi o Auditório Baccarelli, de propriedade do maestro, e localizado na Vila Mariana. Nascia assim o Instituto Baccarelli.

Com os resultados obtidos ao longo dos anos junto ao público beneficiado, o Instituto Baccarelli conquistou o respeito da iniciativa pública e privada. Conta desde 1998 com o apoio da Lei Federal de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet. Hoje, são realizados 740 atendimentos com cerca de 500 crianças e jovens a partir dos sete anos de idade na sede do Instituto.





João Candido Portinari

João Candido Portinari – matemático de méritos proclamados e filho do grande mestre da pintura brasileira – concebeu e implantou, em 1979, o *Projeto Portinari*, trabalho de levantamento, catalogação e disponibilização de um vasto acervo documental sobre a obra, vida e época do pintor Candido Portinari (1903–1962).

Pioneiro no país, o projeto tem importância fundamental para a conservação de nossa memória artística. Candido Portinari é um dos símbolos do nosso povo, cuja grandeza e miséria ele imortalizou. Entre outras realizações, o *Projeto Portinari* publicou, em 2004, o Catálogo Raisonné da obra completa de Candido Portinari.

O intelectual brasileiro João Candido Portinari é Ph.D. pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT). Em 1966, após dez anos no exterior,

regressa ao Brasil. Foi um dos fundadores do Departamento de Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), do qual foi diretor.

Atualmente, além de diretor-geral do *Projeto Portinari*, é presidente da Associação Cultural Candido Portinari e da Portinari Licenciamentos. Tem proferido inúmeras palestras, a convite, em instituições públicas e privadas, no Brasil e no exterior.

Recebeu o Prêmio CLIO de História (Academia Paulistana da História – 2004) e o Prêmio Sérgio Millicet (Associação Brasileira dos Críticos de Arte – 2005), e também, em nome do *Projeto Portinari*, o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade (IPHAN/MinC – 2004) e o Prêmio Jabuti (Câmara Brasileira do Livro – 2005). Recebeu, ainda, o título de Cidadão Honorário de São Carlos (SP), em 2007.



Johnny Alf (Alfredo José da Silva)

Aos 70 anos de idade, 56 deles dedicados à música, o pianista, compositor e cantor Johnny Alf é reverenciado como um dos pais da bossa nova. Na primeira metade da década de 1950, as harmonias diferentes que Johnny Alf tirava dos pianos das boates em que tocava fascinavam astros como Lúcio Alves e Dolores Duran, e jovens músicos como Antonio Carlos Jobim e João Gilberto. *Rapaz de Bem* e *Céu e Mar*, ambas de 1953, são consideradas precursoras da bossa nova.

A música sempre foi a redenção do menino Alfredo José da Silva, nome de batismo desse carioca de Vila Isabel. Filho de Inês Marina da Conceição, empregada da família que o criou, e de Antônio José da Silva, que morreu quando ele ainda era um bebê, começou a estudar piano aos nove anos. Fascinado pelos musicais americanos

com canções de Cole Porter e George Gershwin, o menino adorava ficar inventando ao piano. Aos 14 anos, ele formou seu primeiro conjunto com amigos da vizinhança. Em seguida, começou a participar das atividades artísticas promovidas pelo Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos. Foi nessa mesma época que se tornou Johnny Alf.

Seu primeiro emprego na noite foi em 1952, como pianista da Cantina do César de Alencar, em Copacabana. Lá conheceu Mary Gonçalves, Rainha do Rádio de 1952, que escolheu três músicas suas para gravar, dentre as quais *O que é Amar*. Em 2001, participou do CD de dois músicos alemães: Kim Barth e Paulo Morello. Esse trabalho lhe rendeu uma turnê pela Europa em outubro de 2003, onde foi uma das atrações do London Jazz Festival.

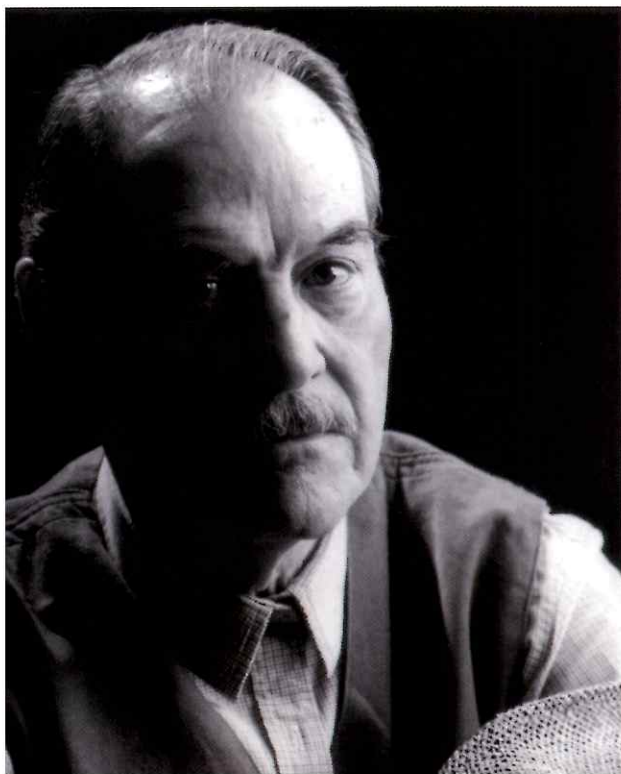
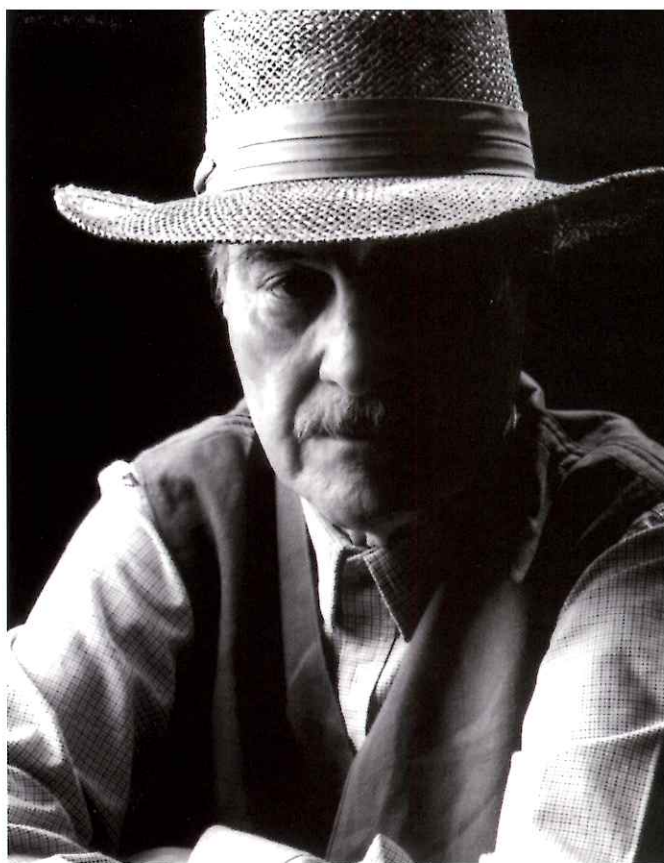
Esse gosto pelas harmonias elaboradas e o prazer de descobrir o novo ainda são determinantes em sua vida. Com mais de 100 composições inéditas, nem assim pára de compor.

Leonardo Villar (Leonildo Motta)

O consagrado ator Leonardo Villar nasceu em 1923, na cidade paulista de Piracicaba. Formado na primeira turma da Escola de Arte Dramática, em São Paulo, estréia profissionalmente na peça teatral *A Raposa e as Uvas*, em 1953, pela Companhia Dramática Nacional.

Fez parte do corpo de profissionais do Teatro Brasileiro de Comédia durante oito anos, tendo atingido o patamar dos primeiros atores, e encenado obras de importantes dramaturgos como Arthur Miller, Tennessee Williams, Gianfrancesco Guarnieri e Dias Gomes.

No TBC, Leonardo Villar consolidou sua posição de protagonista em *O Pagador de Promessas*, no papel de Zé do Burro, que lhe rendeu diversas das premiações para as artes cênicas, como a da Associação Paulista de Críticos Teatrais. Voltou a interpretar o personagem, desta



vez no cinema, no célebre filme vencedor do Festival de Cannes de 1962.

Trabalhou com os mais renomados diretores de teatro no país, entre os quais Adolfo Celi, Bili Ferreira, Flávio Rangel e Ziembinski, e dividiu o palco com outros reconhecidos profissionais da cena brasileira, entre os quais Cleyde Yáconis, Fernanda Montenegro e Walmor Chagas.

No cinema, além do premiadíssimo *O Pagador de Promessas*, sob a direção de Anselmo Duarte, ainda tem atuações de destaque em mais uma dezena de filmes. Seus mais recentes personagens nas telas foram Correia, em *Ação entre Amigos* (1998), de Beto Brant, e o Comandante, em *Brava Gente Brasileira* (2000), de Lúcia Murat.

Leonardo Villar também tem feito parte dos elencos de diversas produções de sucesso na televisão brasileira. Desde a década de 60 até os dias atuais, participou de telenovelas, minisséries e casos especiais, interpretando papéis marcantes.

Marcantonio Vilaça

in memoriam

Nascido em 1962, no Recife, o crítico de arte, curador galerista e colecionador Marcantonio Vilaça é considerado um dos grandes incentivadores do desenvolvimento da arte contemporânea no Brasil, tendo trabalhado pelo lançamento de novos artistas nos mercados brasileiro e internacional.

Ainda criança, em sua terra natal, iniciou-se nas artes plásticas ao frequentar a Escolinha de Arte dos irmãos Augusto e Abelardo Rodrigues. Na adolescência, adquiriu sua primeira obra de arte – uma xilogravura do mestre pernambucano Gilvan Samico – e, a partir de então, iniciou sua valiosa coleção.

Advogado por formação, morou em Brasília de 1976 a 1980 e depois mudou-se para São Paulo, onde exerceu a profissão de forma bem-sucedida. Nos anos 80, decidiu dedicar-se exclusivamente às artes plásticas e passou a dirigir a revista *Galeria*, na capital paulista.

Criou, em 1990, na cidade do Recife, a galeria Pasárgada Arte Contemporânea e, em 1992, em São Paulo, inaugurou a galeria Camargo Vilaça, considerada à época uma referência para a arte contemporânea brasileira, tanto no Brasil como em outros países.

Foi curador de inúmeras mostras nacionais e internacionais, dentre as quais a ARCO de Madrid e a Feira de Basiléia, na Suíça. Também foi responsável pelo lançamento e promoção de alguns dos mais importantes artistas plásticos da atualidade.

Marcantonio faleceu aos 37 anos, tendo alcançado reconhecimento e respeito no mercado de arte da América Latina. Sua expressiva coleção com mais de duas mil obras tornou-se um parâmetro de qualidade no Brasil, e parte desse acervo já esteve exposto em renomadas instituições museológicas do país e do exterior.



Maria Bonomi (Maria Anna Olga Luiz Bonomi)

Gravadora, escultora, pintora, muralista, desenhista, figurinista, cenógrafa, professora e curadora de artes plásticas, nascida em 1935, na Itália. Ainda menina, veio com a família para o Brasil e, em 1946, passou a morar em São Paulo. Maria Bonomi começa dedicando-se aos estudos de desenho e pintura, com Yolanda Mohalyi, e de gravura, com Lívio Abramo, com quem viria a fundar o Estúdio da Gravura.

Nos anos 50, teve participação destacada em diversas mostras coletivas no país, como o Salão Paulista de Arte Moderna e a Bienal de São Paulo, e fez sua primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo. De 1956 a 1959, passa uma temporada na Europa e nos Estados Unidos da América para frequentar ateliês, museus e cursos de aprimoramento das técnicas de gravura. Suas obras – que ganharam dimensões maiores – foram expostas em mostra individual na cidade de Nova York.

Maria Bonomi retorna ao Brasil e, nos anos 60, começa a desenvolver projetos editoriais, dentre os quais destaca-se o *Álbum Brasil*. Também inicia seu premiado trabalho de cenários e figurinos para espetáculos teatrais. São dessa época, ainda, as primeiras participações nas bienais de Veneza e de Paris.

A partir dos anos 1970, passa a fazer esculturas e a produzir painéis de grandes proporções para espaços abertos. Além da arte pública – que viria a ser o tema da sua tese de doutorado em Poéticas Visuais –, integrou-se aos movimentos de defesa da cultura e da liberdade política no país.

Nas três últimas décadas, a artista plástica ítalo-brasileira tem atuado em diversas atividades multimídia, curadorias de exposições e projetos de valorização urbana. Um dos seus mais recentes trabalhos é o painel *Etnias: do Primeiro e Sempre Brasil*, no Memorial da América Latina, em São Paulo.



Marlene (Victoria De Martino Bonaiute)

Marlene, nome artístico da atriz e cantora brasileira Victoria De Martino Bonaiute, nasceu na capital paulista, no bairro da Bela Vista, conhecido reduto de ítalo-brasileiros.

Foi um dos maiores mitos do rádio brasileiro em sua época de ouro. Sua popularidade nacional também resultou em convites para o cinema – foram vários filmes, entre os quais *Tudo Azul* – e para o teatro, vindo a atuar intensamente no teatro musical, excursionando, inclusive, pelo exterior.

Em 1940, estreou como profissional na Rádio Tupi de São Paulo, mas escondida da família, que não aceitava a carreira por razões religiosas e sociais vigentes na época. O nome artístico – escolhido em homenagem à atriz alemã Marlene Dietrich – esconderia sua verdadeira identidade



até ser descoberta faltando aulas por causa de seu expediente na rádio.

Em 1943, mudou-se para o Rio de Janeiro e foi contratada como vocalista da orquestra do Cassino da Urca. Seguiu com a orquestra de Carlos Machado para a Boate Casablanca. Dois anos depois, tornou-se artista do Copacabana Palace.

Passou a atuar também na Rádio Mayrink Veiga e, no ano seguinte, na Rádio Globo. Nesse ínterim, já havia estreado no disco, pela Odeon, em meados de 1946, com as gravações dos sambas *Suingue no Morro* e *Ginga, Ginga, Moreno*.

Mas foi no carnaval do ano seguinte que emplacou seu primeiro sucesso, a marchinha *Coitadinho do Papai*. E foi cantando essa música que estreou no programa César de Alencar, na Rádio Nacional, em 1948. Ainda nesse ano, foi contratada pela gravadora Continental, lançando os choros *Toca, Pedrocá* e *Casadinhas*. Em 1949, Marlene venceu o concurso para Rainha do Rádio, da Rádio Nacional.

Mercedes Sosa (Haydee Mercedes Sosa)

Cantora argentina, aclamada como uma das mais legítimas representantes da música latino-americana, Mercedes Sosa fez sua estréia ainda na adolescência numa rádio de San Miguel de Tucumán, cidade onde nasceu, em 1935.

Nos anos 60, foi uma das protagonistas do movimento Nuevo Cancionero e lançou seu primeiro disco, o independente *Canciones con Fundamento*. Por sua participação de destaque no Festival Nacional de Folclore de Cosquín, tornou-se conhecida na América Latina e passou a ser chamada de “La Negra”.

Mercedes Sosa tem um repertório de músicas predominantemente de raízes folclóricas, mas também interpreta outros estilos. Na escolha das canções refletem-se suas preocupações relacionadas com as questões sociais, políticas e ambientais.

Vítima de perseguição e de censura, tendo em vista seu ativismo político, exilou-se na Europa, morando em Paris e Madri. Retornaria ao seu país natal somente em 1982 para uma série de concertos no Teatro Ópera de Buenos Aires.

Nos seus cerca de 50 anos de carreira artística, fez diversas turnês internacionais e se apresentou em países de quase todos os continentes. Esteve no Brasil para diversas temporadas – recentemente com o espetáculo *Mercedes Sosa en Concierto* – e já dividiu o palco com Milton Nascimento, Caetano Veloso, Fagner e outros nomes da música popular brasileira.

Contando com mais de quatro dezenas de discos gravados, ganhou três vezes o Grammy Latino de Melhor Álbum Folclórico: em 2005, com *Corazón Libre*; em 2003, com *Acústico*; e, em 2000, com *Misa Criolla*. Dentre os seus sucessos estão *Cantata Sudamericana*, *Mujeres Argentinas*, *Gracias a La Vida* e *Duerme Negrito*, para citar algumas das canções eternizadas em sua voz com marcantes interpretações.





Mestres da Guitarrada

A Guitarrada é um gênero musical de origem paraense com influências sonoras de países vizinhos. O gênero musical é protagonizado por uma guitarra elétrica, acompanhada por uma base formada por bateria, percussão, contrabaixo e onde se observa a presença de ritmos como o carimbó, a cumbia, o merengue, a lambada e a marchinha.

Para comemorar os 30 anos de criação da Guitarrada foi lançado em janeiro de 2003 o projeto *Mestres da Guitarrada*. Criado por Pio Lobato (músico e produtor musical) e Kelei Albuquerque (produtora musical), o projeto surgiu com o objetivo de divulgar a Guitarrada paraense assim como outros ritmos produzidos na região amazônica.

Um de seus maiores incentivadores é o Mestre Vieira, o criador da Guitarrada, responsável por uma genuína linhagem de guitarras na Amazônia. Na década de 70, seu disco *Lambadas*

das Quebradas solidificou o surgimento do gênero musical, popularizado nos anos 80 sob o rótulo de lambada.

Mestre Vieira dividiu os palcos com Mestre Curica e Aldo Sena e desta parceria surgiu o primeiro disco de trabalho intitulado *Mestres da Guitarrada*, lançado em 2004. A partir daí, novos convidados passaram a integrar o projeto.

Este ano, para as comemorações dos 30 anos da Guitarrada, será lançado o segundo CD *Mestres da Guitarrada*, com músicas que ao longo desses anos todos consagraram Mestre Vieira como um dos maiores instrumentistas do Brasil.

O grupo participou da Copa da Cultura, que aconteceu entre 25 de maio e 9 de julho de 2006, em Berlim, na Alemanha, durante a realização da Copa do Mundo de Futebol. A grande diversidade da cultura brasileira foi destaque na Casa das Culturas do Mundo, com uma programação em que ficou evidente a originalidade dos estilos musicais apresentados além-mar.

Milton Hatoum

(Milton Assi Hatoum)

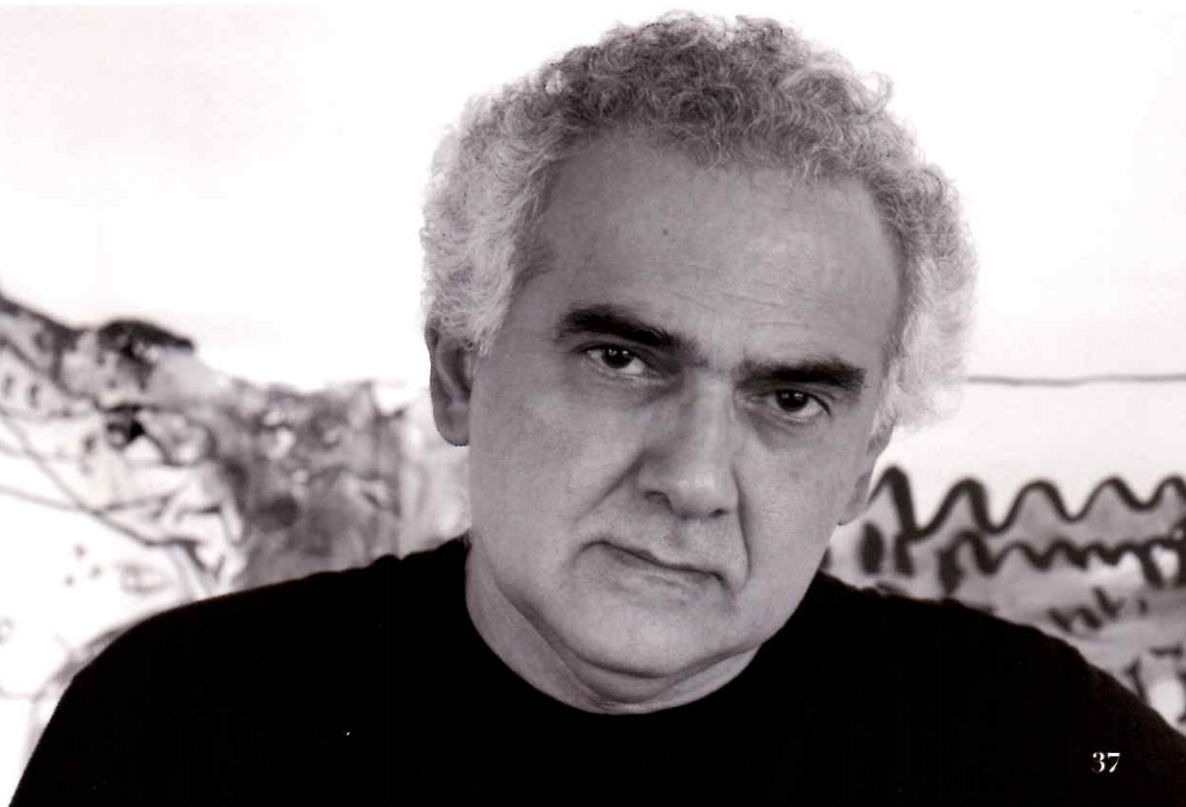
Nascido em Manaus, em 1952, o escritor Milton Hatoum estreou em 1989 com *Relato de Um Certo Oriente*, seguido de *Dois Irmãos* (2000), ambos ganhadores do Prêmio Jabuti de melhor romance e publicados em oito países. Por *Cinzas do Norte* (2005), recebeu seu terceiro Jabuti e os prêmios Bravo!, APCA e Portugal Telecom de Literatura de 2006.

Sua quarta obra literária, *Órfãos do Eldorado*, já teve os direitos de publicação vendidos para mais de 15 países. Nesse romance, Milton Hatoum concentra – num relato de sonho e pesadelo, ambientado no final do Ciclo da Borracha na Amazônia – a vasta matéria que vem explorando desde *Relato de Um Certo Oriente*, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*. Costuma, em suas obras, falar de lares desestruturados com uma leve tendência

política. Nas obras *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*, fez uma sutil crítica ao regime militar brasileiro.

Filho de imigrantes libaneses, aos 15 anos muda-se para Brasília, onde conclui os estudos secundários. Em 1970, vai para São Paulo e, três anos depois, ingressa no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP). Como bolsista do Instituto Iberoamericano de Cooperación, viaja para Espanha, em 1980, e reside nas cidades de Madri e Barcelona. Muda-se para a França, no ano seguinte, e faz pós-graduação na Universidade de Paris III. De volta a Manaus, leciona Língua e Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Em 1998, troca em definitivo Manaus por São Paulo, onde se titula doutor em teoria literária pela USP.

Participou de antologias de contos brasileiros no México e na Alemanha, publicou contos nas revistas *Europe* e *Grand Street* e colaborou com revistas e suplementos literários brasileiros.





Música no Museu

O projeto Música no Museu completará 11 anos em novembro de 2008. Iniciado em 1997, com o violonista Turíbio Santos, no Museu Nacional de Belas Artes, hoje se desenvolve em quase 50 museus/centros culturais de 24 cidades, sendo 12 capitais de estado.

Tem como objetivos formar novas platéias, facilitando e incentivando a presença de crianças e jovens em concertos, além de proporcionar visitas aos museus onde acontecem os espetáculos da maior Série de Música Clássica do Brasil, criando programas temáticos.

Em 2006, o projeto realizou 428 concertos, em 2007 cerca de 500 e em 2008 a mesma marca. No seu âmbito, realiza-se o Festival Internacional de Harpas, já em sua terceira edição. Este

ano contou com a participação de 33 harpistas de 23 países.

Sucesso de crítica, público e mídia, proporciona a participação dos jovens talentos da música clássica ao lado de nomes consagrados como, entre outros, Nelson Freire, Arnaldo Cohen, Antonio Menezes, Paulo Moura e Artur Moreira Lima. Na versão internacional do projeto, chegou a Paris, onde foi realizado o *Musique au Musée*, no Museu de Montmartre, além de outros países como Portugal, República Tcheca e Estados Unidos da América.

Em 2006, o diretor do projeto, Sérgio da Costa e Silva, recebeu o Golfinho de Ouro ao lado de nomes da expressão de Oscar Niemeyer, Marília Pêra, Carmem Costa, Eduardo Portela. Em 2008, comemoram-se 11 anos de sucesso do Música no Museu.

Nelson Triunfo (Nelson Gonçalves Campos Filho)

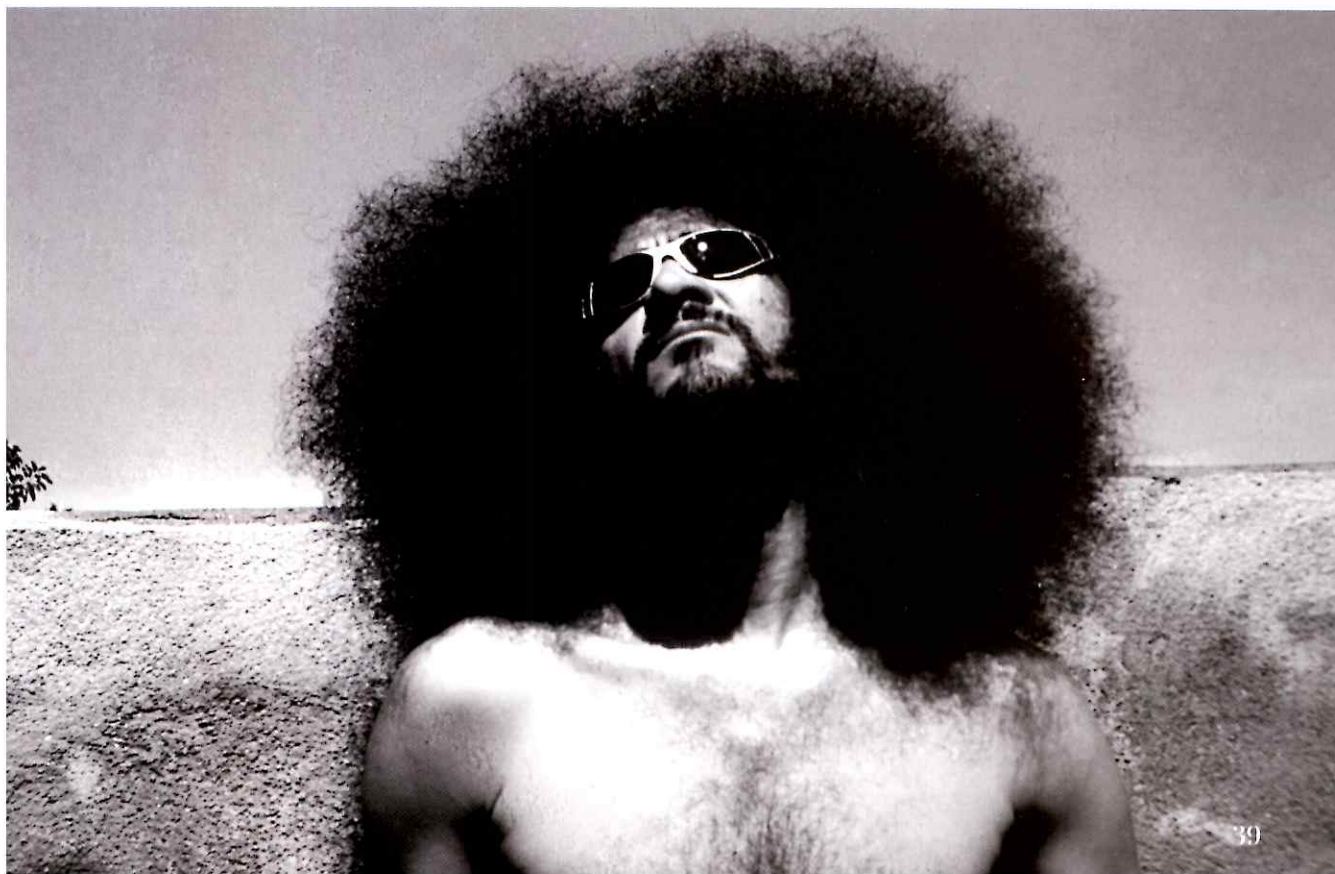
Dançarino, coreógrafo, educador social e pai do Hip Hop no Brasil. O pernambucano Nelson Gonçalves Campos Filho, o Nelson Triunfo, nunca imaginaria que sairia de uma cidade como Triunfo, no sertão nordestino, para ficar conhecido no Brasil como o precursor dos ideais do Hip Hop. Ganhou o país com um jeito diferente de dançar: o original Funk Soul, misturado com Maracatu, Frevo, Cutilada e até gingas da Capoeira.

Em 1971, aos 16 anos, foi estudar e trabalhar em Paulo Afonso, na Bahia, onde começou sua militância na dança. Logo depois continuou sua carreira mudando-se para Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, onde participou das principais equipes de som de meados dos anos 70. Em 1977,

foi morar definitivamente em São Paulo. Formou seu primeiro grupo de dança, Black Soul Brothers, em 1977, e no mesmo ano mudou o nome para Nelson Triunfo e o Grupo Funk & Cia.

No início dos anos 80, ousava mais uma vez: começou a fazer apresentações com o Funk & Cia. na esquina das ruas Dom José Gaspar com a 24 de Maio, no centro de São Paulo, iniciando, assim, a cultura Hip Hop no Brasil, numa época em que fazer arte era desafiar o regime militar.

Com incontáveis trabalhos realizados em diversos setores da sociedade, também é um dos pioneiros dos trabalhos sociais com jovens da periferia, em parceria com o Governo Federal e os governos estaduais e municipais, ONGs e comunidades. Atualmente desenvolve oficinas culturais de Hip Hop nas escolas e centros culturais em vários lugares, inclusive na cidade de Diadema, onde atua como assessor de cultura do Hip Hop.





Orlando Miranda (Orlando Miranda de Carvalho)

Orlando Miranda de Carvalho é um empresário e produtor teatral nascido no Rio de Janeiro em 24 de junho de 1933. Começou fazendo teatro na Escola de Arte Dramática Martins Pena, concluindo o curso em 1959. No mesmo ano lançou, na Rádio Roquette Pinto, o programa *Cortina Teatral*.

Há 44 anos inaugurou o Teatro Princesa Isabel, em parceria com Pedro Veiga e Pernambuco de Oliveira, e passou a produzir espetáculos teatrais. Já realizou mais de 40 peças para o teatro infantil, o adulto e o de bonecos, entre as quais, as premiadas *A Revolta dos Brinquedos*, de Pedro Veiga; *O Avaro*, de Molière; *Guerra Mais ou Menos Santa*, de Mário Brasini; *Os Pais Absolutos*, de Pedro Bloch; *Fica Combinado Assim*, de

João Bethencourt; *O Botequim*, de Gianfrancesco Guarnieri; *Panorama Visto da Ponte*, de Arthur Muller; *Tudo no Escuro*, de Jô Soares; *Misto Quente*, de Miéli e Bôscoli; e *Gardel, Uma Lembrança*, de Manoel Puig. As montagens foram apresentadas em turnês no Brasil e no exterior.

No período de 1974 a 1985 esteve à frente do Serviço Nacional de Teatro, atual Fundação Nacional de Artes (Funarte). Durante sua gestão como diretor do SNT, foi responsável pela criação da Escola Nacional de Circo e do Instituto Nacional de Artes Cênicas.

Atualmente, as principais atividades de Orlando Miranda são a administração do Teatro Princesa Isabel, a presidência da Escolinha de Arte do Brasil – entidade educacional voltada para a arte-educação –, bem como a presidência da Associação Cultural da Funarte e as consultorias prestadas à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e à Fundação de Arte e Progresso.

Otávio Afonso (Otávio Carlos Monteiro Afonso dos Santos) *in memoriam*

Poeta, jornalista e servidor público federal, Otávio Afonso nasceu em 1953, em Porto Velho, filho de um casal de educadores, e foi criado no Caiari, tradicional bairro da capital rondoniense. Já na adolescência, demonstrou sua veia poética e foi um dos precursores da poesia de vanguarda em sua cidade natal. Ainda jovem mudou-se para Salvador e depois para Brasília.

Alcançou projeção internacional como poeta, em 1980, quando foi o vencedor do Prêmio Casa de Las Américas, com o livro *Cidade Morta*, sendo o primeiro brasileiro a receber a premiação promovida pelo governo cubano. Publicou diversos livros em verso e prosa, e é o autor da letra da música *Imagens*, em parceria com Marlui Miranda, gravada no disco *Revivência* (1983).

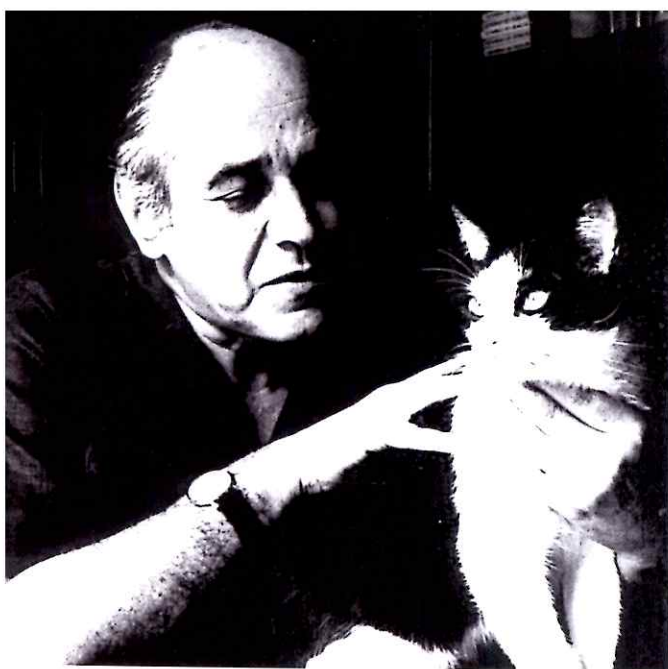
Otávio Afonso, como funcionário de carreira, abraçou a causa do Direito Autoral no país



e lutou para que o tema tivesse lugar no debate nacional e passasse a ser tratado como política pública. Desenvolveu um trabalho pioneiro, no âmbito do Ministério da Cultura, contribuindo decisivamente para o fortalecimento do papel do Estado na regulação da área.

Reconhecido como uma autoridade no assunto na América Latina, atuou com destaque como delegado brasileiro nas discussões sobre Propriedade Intelectual junto a organizações e fóruns internacionais, como a Alca e o Mercosul. Destacou-se por sua habilidade em promover o diálogo e a articulação entre os representantes dos diversos setores envolvidos.

Ao dedicar-se ao campo por quase 30 anos, produziu uma extensa e significativa obra sobre Direito Autoral e Direito Conexos. Seu último trabalho publicado consta do livro *Direitos Autorais: conceitos essenciais*, que veio a ser lançado somente após a sua morte, ocorrida em março deste ano.



Paulo Emilio Salles Gomes

in memoriam

Respeitado historiador e crítico de cinema, defensor da cinematografia nacional e um dos fundadores da Cinemateca Brasileira, Paulo Emilio nasceu em 1916, na cidade de São Paulo. Integrante na juventude de movimentos artístico-culturais e políticos, teve que se exilar, passando dois anos na França.

Ao retornar ao país, começou a cursar Filosofia na Universidade de São Paulo e criou com outros intelectuais a revista de cultura *Clima*, na qual publicou seus primeiros artigos sobre cinema. Em 1946, foi para Paris estudar e atuar como representante da FilMOTECA do Museu de Arte Moderna na compra de cópias para a instituição.

Depois de uma temporada de dez anos na Europa, Paulo Emilio voltou a morar em São Paulo, onde participou da organização do 1º Festival Internacional de Cinema do Brasil. Retomou suas atividades na FilMOTECA do MAM, até então com um acervo formado, em sua maioria, por obras estrangeiras.

Seu trabalho pela valorização da produção audiovisual do país se intensificou a partir dos

anos 60. Naquela época, mudou-se para a nova capital federal, onde desenvolveu o primeiro curso superior de Cinema, na Universidade de Brasília, e promoveu mostras de filmes brasileiros que deram origem ao tradicional festival da cidade.

Devido às mudanças políticas no país, decidiu retornar a São Paulo e, em 1968, passou a lecionar história do Cinema na Escola de Comunicações e Artes da USP. Manteve-se em atividade até a sua morte, em 1997, pouco tempo depois de lançar seu romance *Três Mulheres de Três PPPs*.

Também teve publicadas em livros suas críticas e pesquisas sobre a arte cinematográfica: *70 Anos de Cinema Brasileiro* (1966), em co-autoria com Ademar Gonzaga; *Jean Vigo* (1968), *Humberto Mauro*, *Cataguases*, *Cinearte* (1974) e *Paulo Emilio: Crítica de Cinema no Suplemento Literário* (1982).



Paulo Moura

(Paulo Gonçalves Moura)

Paulo Moura cresceu entre melodias e ritmos. As primeiras notas foram aprendidas antes mesmo das palavras, embaladas em sons que percorriam a casa de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo. Pedro Moura, maestro da banda da cidade, ensinou aos filhos homens o ofício familiar: a arte da música. O caçula de dez irmãos esperou até os 12 anos para juntar-se ao pai na animação de bailes e festas populares nos clubes da comunidade negra local. O clarinete e o saxofone alto eram seus instrumentos.

A família muda-se para o Rio de Janeiro e seu talento se revela ainda mais amplo. Aprende harmonia, contraponto e fuga, numa sólida formação erudita. É solista precoce em orquestra de rádio sob a regência de Radamés Gnattali, Lyrio Panicalli, Oswaldo Borba e Zaccharias,

e em bandas de músicas populares de gafieiras dos subúrbios cariocas.

Em 1960, com a execução da Rapsódia de Debussy, conquista o primeiro lugar por concurso, assumindo a posição de clarinetista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O virtuosismo musical, cultivado entre as origens negras do interior paulista, a música popular dos *dancings* e as orquestras da época áurea das Rádios Nacional e Tupi, consolida-se.

Torna-se um instrumentista prodigioso e de timbre singular depois desse mergulho em sinfonias, óperas, balés e concertos no universo da música clássica. Seu talento diversificado e inovador expande-se em uma sólida trajetória internacional, que o premia com o 1 Grammy Latino de Música Instrumental 2000.

Com seu estilo musical próprio e marcante, Paulo Moura já produziu 35 CDs autorais e recebeu uma série infindável de prêmios nacionais como solista popular e erudito.





Pixinguinha (Alfredo da Rocha Vianna Filho)

in memoriam

Pixinguinha nasceu em 1897, no Rio de Janeiro, em uma família musical, e descobriu ainda menino sua vocação: aos 12 anos, compôs o choro *Lata de Leite* e, aos 17 anos, gravou duas de suas composições, *Rosa* e *Sofres Porque Quer*.

Seu primeiro instrumento foi o cavaquinho, mas foi com a flauta que ingressou na carreira artística e alcançou fama por seus improvisos e floreios. Interpretava e compunha polcas, valsas, maxixes e choros, dentre estes *Carinhoso* e *Lamentos*.

Em 1919, reuniu-se a outros músicos de prestígio para formar o conjunto Os Oito Batutas, com o qual, em 1922, fez uma bem-sucedida turnê internacional para divulgar a música popular brasileira.

Já reconhecido como exímio instrumentista e compositor de talento, também começou a atuar profissionalmente como arranjador e maestro, criando um estilo próprio ao misturar elementos da música erudita a ritmos brasileiros.

A partir dos anos 40, Pixinguinha passou a usar exclusivamente o saxofone em suas apresentações. Foi nessa época que se dedicou mais à gravação em disco de suas composições, muitas então com letras de autoria de conhecidos poetas e interpretadas por cantores de sucesso.

Entre as mais de uma centena de músicas que compôs – algumas das quais divulgadas após a sua morte, em 1973 –, estão *A Vida é um Buraco*, *Chorê*, *Fala Baixinho*, *Festa de Branco*, *Isso é que é Viver*, *Mundo Melhor*, *Samba de Fato*, *Saudade do Cavaquinho*, *Um a Zero*, *Vou Vivendo* e *Yôô Africano*.

Por sua incontestável contribuição para que o choro fosse considerado um gênero musical com tempero e sotaque genuinamente nacional, a data do seu aniversário de nascimento, 23 de abril, foi oficialmente consagrada como *Dia Nacional do Choro*.



Quasar Cia de Dança

A Quasar Cia de Dança é uma companhia brasileira de dança contemporânea, criada e sediada em Goiânia. A Quasar tem o seu trabalho conhecido em vários países do mundo. Fundada em 1988 por Vera Bicalho e Henrique Rodovalho, a Quasar tem suas origens no Grupo Energia, no início dos anos 80.

O processo de criação de um estilo próprio da Cia veio com o espetáculo *Versus* (1994), apresentado na Alemanha (Internationales Summer Theater Festival, em Hannover). A companhia goiana despertava interesse no exterior antes mesmo de se tornar conhecida no Brasil. Nesse mesmo ano, o grupo se instalou em um galpão na Universidade Federal de Goiás.

O reconhecimento no Brasil iniciou-se com o irreverente espetáculo *Registro* (1997), durante o Prêmio Mambembe, quando o Ministério da Cultura, por meio da Fundação Nacional de Artes, concedeu cinco premiações à Quasar: melhor do ano nas categorias grupo, espetáculo, coreógrafo, bailarino revelação e bailarina revelação.

O amadurecimento artístico chegou definitivamente com a bela criação *Divíduo* (1998), cuja montagem contou com a parceria do Ministério da Cultura e do Ministério do Trabalho, para o Projeto Cena Aberta. O estilo contemporâneo, sofisticado e irônico da companhia pode ser visto e apreciado nesse belo espetáculo que reflete sobre a solidão do ser humano nos tempos modernos.

Como resultado das comemorações dos 15 anos, a Cia inaugurou, em Goiânia, o Espaço Quasar, um centro cultural voltado para a formação, reflexão, pesquisa e discussão da arte contemporânea a partir das manifestações próprias do corpo. Atualmente, a companhia de dança realiza a montagem de *Por um Instante de Felicidade*, em comemoração aos 20 anos de criação.

Outras ações estão previstas para este ano, entre elas, a formação da Rede de Amigos da Quasar, a Quasar Jovem e a retomada da Quasar Escola de Dança.

Roberto Corrêa (Roberto Nunes Corrêa)

Violeiro, compositor e pesquisador, Roberto Corrêa iniciou-se na música ainda criança, por meio do violão, instrumento que abandonou para dedicar-se exclusivamente à viola. Nascido em Campina Verde (MG), radicou-se na capital federal em 1975, onde é professor pesquisador da Escola de Música de Brasília.

Em mais de 20 anos de carreira, Roberto Corrêa lançou 15 discos e apresentou a viola caipira e a de cocho nas diversas regiões brasileiras e em 29 países. Por várias vezes representou o Brasil, a convite do Itamaraty, em programas de difusão da cultura brasileira no exterior. Realizou recitais em importantes salas de concerto internacionais, como Konzerthaus (Viena), Beijing Concert Hall (Pequim) e Haus der Kulturen der Welt (Berlim).

Como compositor, vem contribuindo para a formação do repertório da viola, especialmente solista. Sua música, embora vinculada às tradições

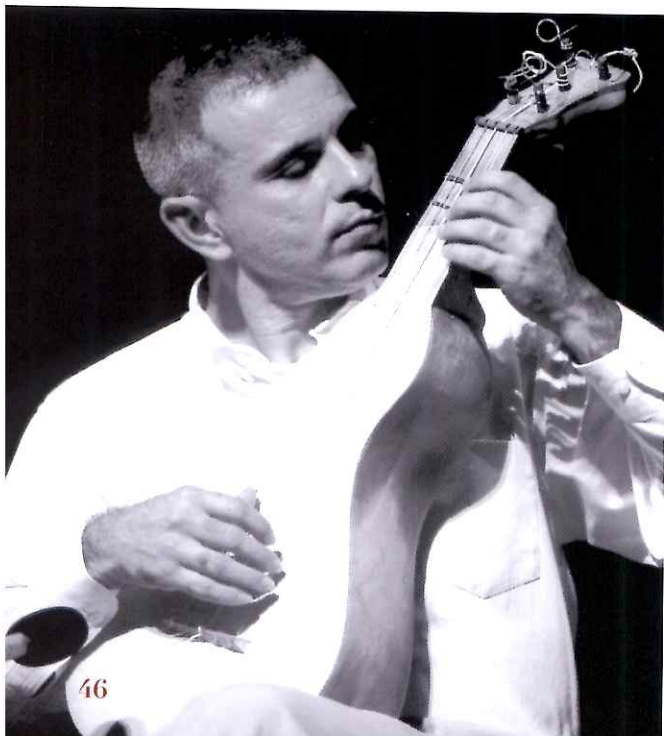


musicais interioranas, freqüentemente é associada à contemporaneidade e à erudição.

Como intérprete, explora as potencialidades do instrumento com virtuosismo técnico. Corrêa desenvolveu técnicas próprias para a viola, sistematizou a técnica de violeiros tradicionais e publicou o mais completo método para ensino e estudo da viola caipira.

Como pesquisador das tradições musicais do Brasil, realizou, além de trabalhos independentes, pesquisas com o apoio do CNPq, do INF/Funarte e do MinC. Entre os livros de sua autoria estão *Viola Caipira* (1983), o primeiro no Brasil sobre o instrumento, e *A Arte de Pontear Viola* (2000).

Roberto Corrêa está finalizando o seu novo CD solo, *Temperança*, e se prepara para mais dois novos projetos em discos.



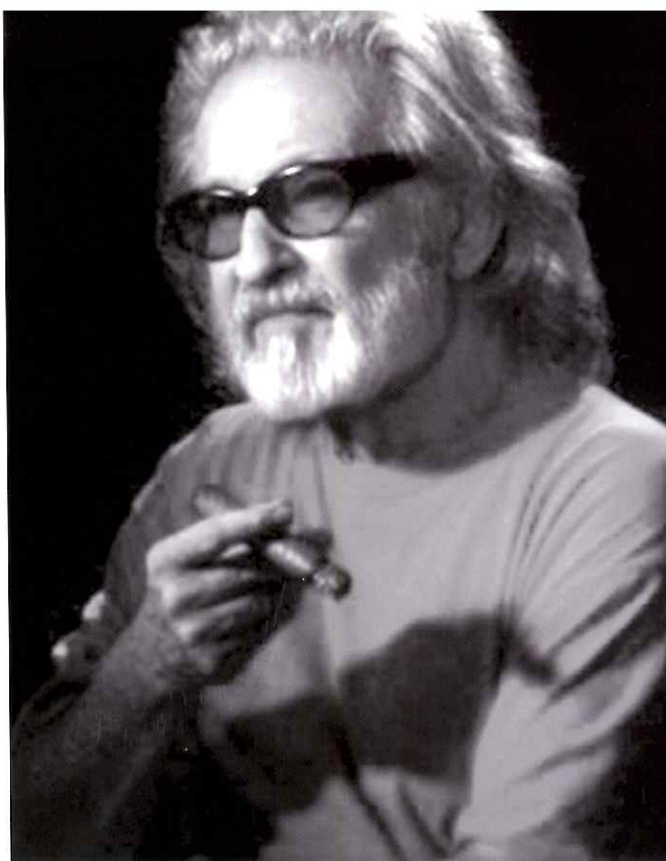
Ruy Guerra (Ruy Alexandre Guerra Coelho Pereira)

O cineasta, ator e compositor Ruy Alexandre Guerra Coelho Pereira, o Ruy Guerra, nasceu em Moçambique, em 22 de agosto de 1931.

Fez curso de cinema no Institut des Hautes Études Cinématographiques, em Paris, a partir de 1952. Três anos depois passou a atuar como estagiário de assistente de direção, antes de instalar-se no Brasil, onde dirigiu seu primeiro filme: *Os Cafajestes* (1962).

Ingressando nas fileiras do Cinema Novo, em 1964, realizou *Os Fuzis*, ao qual se seguiram obras notáveis como *Os Deuses e os Mortos* (1970). A situação política brasileira impôs-lhe uma pausa, que terminaria em 1977 com *A Queda*. Em 1980, regressou a Moçambique, onde rodou *Mueda*, *Memória e Massacre*, realizou diversos curtas e contribuiu para a criação do Instituto Nacional do Cinema.

Em 1982 rodou, no México, *Eréndira*, baseado no conto *A Incrível e Triste História da Cândida Eréndira e sua Avó Desalmada*, de Gabriel García Márquez. Posteriormente dirigiu o musical

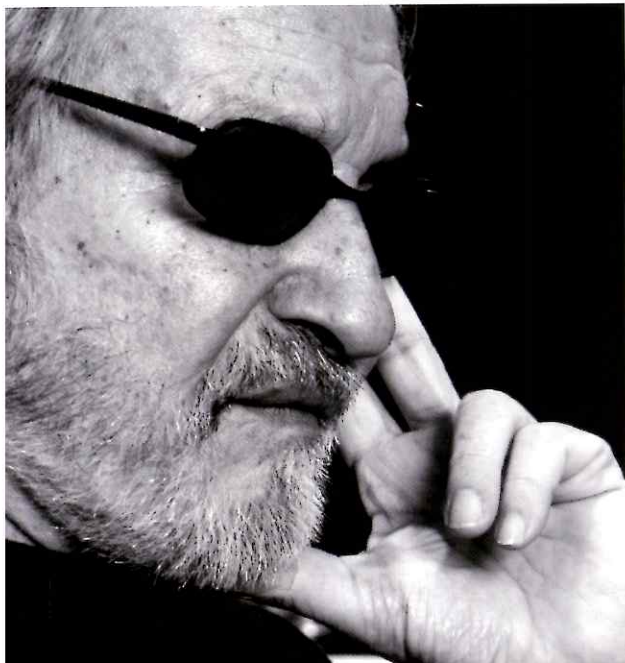


Ópera do Malandro (1985), *Kuarup* (1989) e o telefilme *A Fábula de Bela Palomera* (1987).

Deu início às suas atividades como compositor a partir de 1962, por meio do Centro Popular de Cultura, no Rio de Janeiro, onde conheceu Sérgio Ricardo, com quem compôs *Esse Mundo é Meu*. Foi parceiro também de Baden Powell, Carlos Lyra, entre outros consagrados compositores da MPB.

Ruy Guerra foi o autor, em parceria com Milton Nascimento, da trilha sonora de seu filme *Os Deuses e os Mortos*, de 1970. Nessa mesma época, compôs com Edu Lobo a trilha da peça *Woyzeck*, de Büchner, com direção de Marília Pedrosa.

Compôs também, com Chico Buarque, a trilha de *Calabar*, *Elogio da Traição*, peça escrita junto com Chico, mas que foi censurada, sendo publicada em forma de livro. As músicas foram posteriormente gravadas no LP *Chico Canta* (1974).



Sérgio Ricardo (João Lufti)

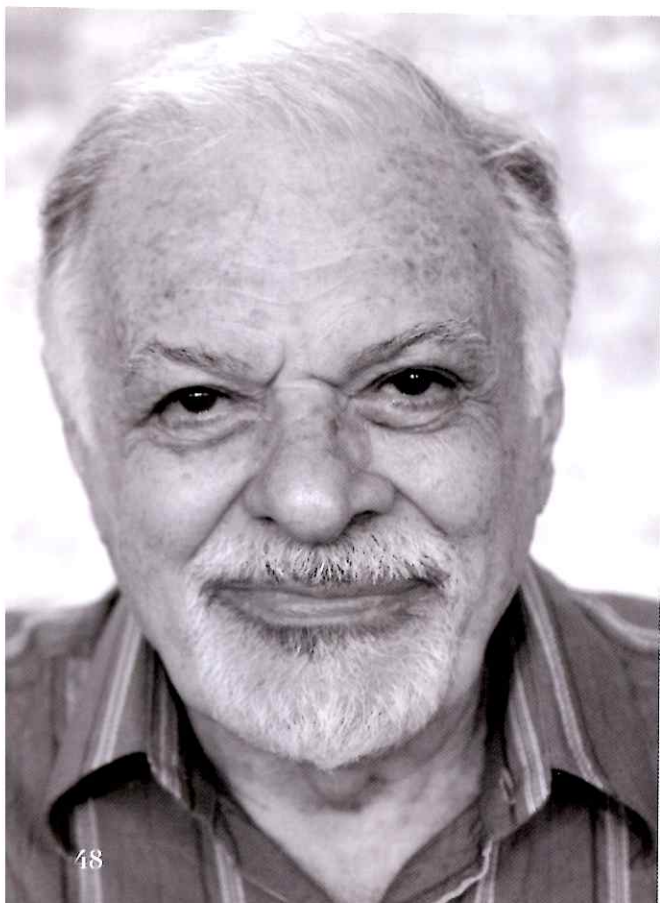
Nasceu em Marília, São Paulo, em 18 de junho de 1932, João Lufti, o primeiro filho dos libaneses Maria Mansur Lufti e Abdalla Lufti. É pianista, cantor, compositor, cineasta e ator. Fez parte do primeiro núcleo de compositores da Bossa Nova, participando, inclusive, do famoso show bossanovista no Carnegie Hall, em Nova York.

Durante os longos anos em que trabalha na noite, nos anos 40 e 50, descobre Johnny Alf, Moacir Peixoto, João Gilberto e outros com os quais aprende a música mais elaborada, pesquisando formas e o bom gosto vanguardista que cada qual expressa com seu instrumento, interpretação ou composição. Muito requisitado, trabalhou em praticamente todas as casas noturnas do Rio de Janeiro e de São Paulo.



Nos Anos 50, assistindo a um deslizamento na pequena favela, em frente à janela de sua casa, na Rua Humaitá, no Rio de Janeiro, emocionou-se com a cena, sentou-se ao piano e compôs *Zelão*, seu maior sucesso. Nessa época, convidado para ser ator de TV e de rádio, aceita a sugestão de mudar o nome para Sérgio Ricardo. Torna-se galã das novelas *Está escrito no Céu* e *Mulher de Branco*, da TV Rio, e ganha belos papéis no teatro.

Produzindo intensamente, fez também trilhas memoráveis para peças de teatro e filmes, entre as quais *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* e *Terra em Transe*, do gênio do Cinema Novo, Glauber Rocha. Participou, em 1967, do II Festival de Música Popular Brasileira com a canção *Beto Bom de Bola*. E publicou os livros *Quem Quebrou Meu Violão*, um ensaio sobre a cultura brasileira no período entre os anos 40 e 90, e *Elas*, uma coletânea de poesias.



Tatiana Belinky (Tatiana Belinky Gouveia)

Nascida em São Petersburgo, em 18 de março de 1919, Tatiana Belinky é uma das mais importantes escritoras infanto-juvenis contemporâneas. Está radicada no Brasil há quase 80 anos.

Em 1948, começou a fazer teatro para crianças para a Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo, junto com o marido Júlio de Gouveia – médico psiquiatra, terapeuta e educador –, adaptando e traduzindo textos teatrais que Júlio produzia e encenava. Com o advento da televisão, o grupo teatral TESP (Teatro-Escola de São Paulo) foi convidado a apresentar suas peças na TV Tupi, onde permaneceu de 1951 a 1964, com quatro espetáculos de teleteatro por semana, ao vivo, com textos sempre baseados em livros, promovendo intensamente a literatura e a leitura.

Escrevia quase todos os roteiros, vários deles inventados, mas a grande maioria traduzida



ou adaptada da boa literatura nacional e internacional. É de sua autoria a primeira grande série adaptada para a televisão: o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato.

Tatiana Belinky é também tradutora profissional de literatura para jovens e adultos, do inglês, russo e alemão. E, desde 1985, torna-se também autora de livros, em sua maioria voltados para crianças e jovens. São cerca de 130 livros publicados, entre originais, traduções, adaptações, recontagens.

Recebeu o Prêmio Mérito Educacional (1979) e o Prêmio Jabuti de Personalidade Literária do Ano (1989) entre outras premiações. Como tradutora, recebeu o Prêmio Monteiro Lobato de Tradução, em 1988 e 1990.



Teresa Aguiar **(Theresinha do Menino Jesus** **Figueira de Aguiar)**

A campineira Teresa Aguiar chegou a ser advogada, mas trocou a profissão pelas artes cênicas, consagrando-se como uma das mais destacadas de sua área no Brasil. Começou na década de 1950 no Teatro do Estudante de Campinas (TEC). Em 1967, Teresa Aguiar transformava o TEC no primeiro grupo profissional do interior do estado, o Rotunda. Sua trajetória, marcada por muita dedicação e persistência, é relatada por Ariane Porto no livro *Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena*, publicado na Série Teatro Brasil. O Rotunda estreou em setembro de 1967, com a peça *Electra*, de Sófocles.

Apesar de ter suas raízes em Campinas, estreou no Teatro Municipal de São Carlos e produziu

muitos espetáculos em São Paulo. Entre as várias peças encenadas pelo grupo destacam-se *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, e *Morre o Rei*, de Eugène Ionesco. Em 1984, o grupo e a cidade de Campinas ganharam a primeira sala independente de espetáculos, o Teatro de Arte e Ofício (TAO).

Teresa Aguiar também incursionou pelo cinema: foi a responsável pela direção de atores de *A Ilha do Terrível Rapaterra*, longa-metragem de Ariane Porto, e dirigiu o longa-metragem *Topografia de um Desnudo*.

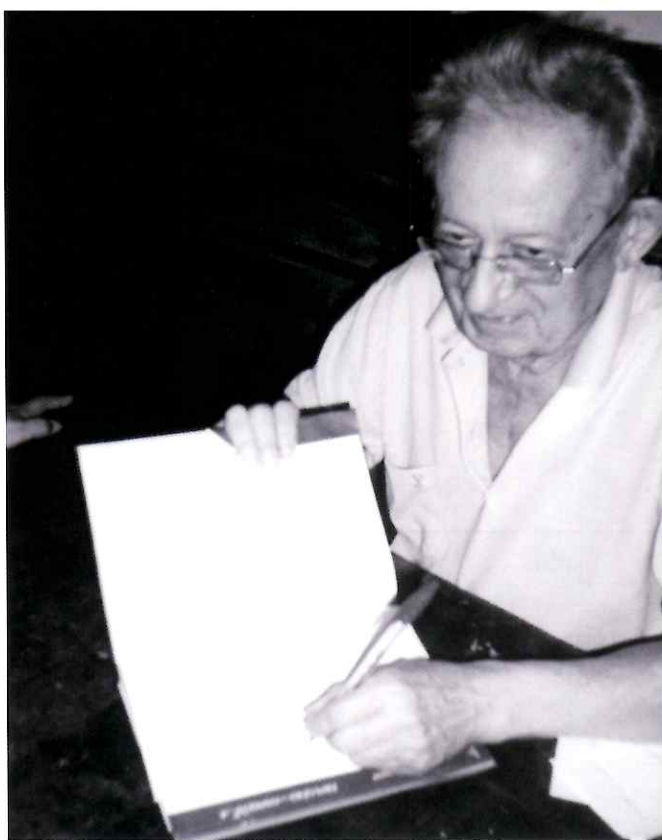
Entre as premiações e condecorações já recebidas, destacam-se: APCA – Melhor Direção e Espetáculo *O Cavalinho Azul* (1969); Prêmio Estímulo – Cinema – Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (2000); Prêmio Flávio Rangel de Teatro Profissional – Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (2006); Medalha Carlos Gomes, destaque pela atuação cultural em Campinas e região – Câmara Municipal (2007).

Vicente Salles (Vicente Juarimbu Salles)

Vicente Juarimbu Salles, paraense do município de Igarapé-Açu, nascido em 1931, é um escritor, pesquisador, antropólogo, historiador e folclorista diplomado pela Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil.

Foi o poeta Bruno de Menezes quem apresentou a Vicente Salles os grupos populares de Belém: batuques, pássaros e bumbás. Em 1954, começou sua peregrinação pelo interior do Pará, pesquisando a história das bandas de música e carimbó. Nesse mesmo ano, decidiu morar no Rio de Janeiro e ingressou no Ministério da Educação.

No período de 1961 a 1972 trabalhou na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, iniciando a produção da Coleção Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro, que alcançou 43 discos. Em 1975, mudou-se para Brasília e

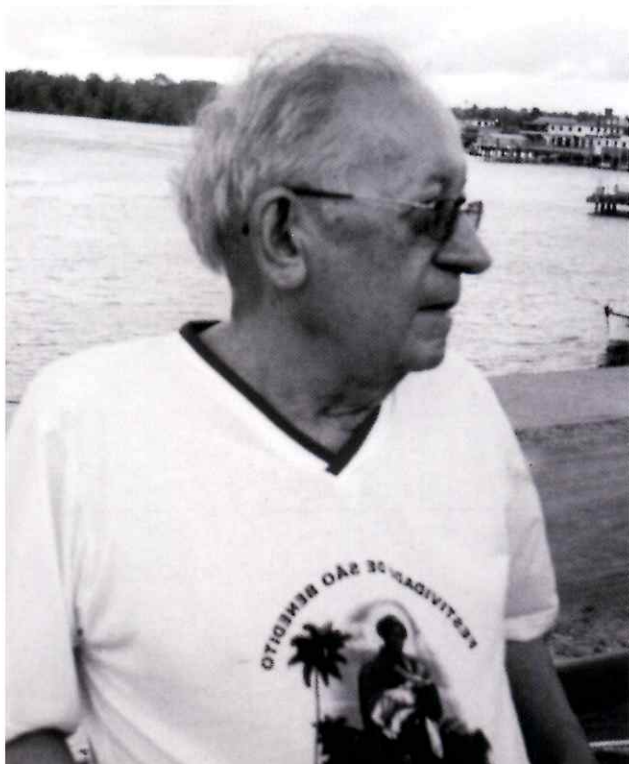


colaborou para a criação da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Em 1985, com a criação do Ministério da Cultura, ficou lotado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), aposentando-se cinco anos depois.

Publicou 24 livros, entre os quais *Repente e Cordel – Literatura popular em versos na Amazônia* e *Edison Carneiro e o Folclore do Negro*. O interesse por literatura, música e folclore começou bem cedo. Seus primeiros trabalhos foram publicados no jornal *A Província do Pará*, em 1948.

Na direção do Museu da Universidade Federal do Pará, de 1996 a 1997, organizou o acervo e implantou projeto de pesquisa da cultura popular, do cantochão paraense, bandas de música, caricaturas e edição em computador de partituras musicais.

O Professor Vicente Juarimbu Salles é membro da Academia Brasileira de Música, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Comissão Nacional de Folclore.



Zabé da Loca (Isabel Marques da Silva)

Aos 84 anos, Dona Isabel Marques da Silva atende pelo nome de Zabé da Loca e toca pífano como ninguém. A pernambucana ganhou esse apelido por ter morado 25 anos dentro de uma gruta (loca), formada por duas paredes de taipa, a 19 km de Monteiro, na Paraíba. Sempre acompanhada de seu instrumento popular e pastoril, é também reconhecida como a “Rainha do Pife” – forma como os sertanejos chamam o pífano.

Retirou-se do sertão de Pernambuco para a Paraíba ainda menina. Logo conheceu o trabalho rural, sem chances de frequentar a escola. Aos sete anos aprendeu a tocar o instrumento. Passou a vida entre o trabalho com a enxada e o ofício de tocadora de pífano.

Em 2003, foi descoberta pelo Projeto Dom Helder Câmara, que vem mapeando a musicalidade da caatinga para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, transformando-se, aos 79 anos, na maior atração do Festival de Brincantes, realizado em Recife. O reconhecimento de seu talento lhe rendeu o CD *Zabé da Loca*, patrocinado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. No CD, Zabé e banda executam *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, e composições próprias como *Balão*, *Araçá Cadê Mamãe* e *Fulô de Mamociro*.

A pifeira tornou-se conhecida nacionalmente, já tendo feito shows em Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Em junho de 2004, apresentou-se com Hermeto Paschoal no Fórum Mundial de Cultura, em São Paulo, e foi efusivamente aclamada, merecendo atenção especial de participantes estrangeiros.

O segundo CD de Zabé da Loca, *Cantos do Semi-Árido*, foi lançado há cinco anos durante uma apresentação na comunidade do Leitão de Carapuça, em Afogados da Ingazeira, no interior pernambucano.



1995

Antônio Carlos Magalhães
Celso Furtado
Fernanda Montenegro
Joãozinho Trinta
Jorge Amado
José Mindlin
José Sarney
Manoel Nascimento Brito
Nise da Silveira
Oscar Niemeyer
Pietro Maria Bardi
Ricardo Gribel
Roberto Marinho

1996

Athos Bulcão
Bibi Ferreira
Caribé
Carlos Eduardo M. Ferreira
Edemar Cid Ferreira
Francisco Brennand
Franco Montoro
Jens Olesen
Joel Mendes Rennó
Max Justo Guedes
Mestre Didi
Nélida Piñon
Olavo Setúbal
Padre Vaz
Sérgio Motta
Walter Moreira Salles

1997

Adélia Prado
Antônio Poteiro
Antônio Salgado
Braguinha
David Assayag
Diogo Pacheco
Dona Leuoca
Fayga Ostrower
Gilberto Chateaubriand
Gilberto Ferrez
Helena Severo
Hilda Hilst
Jorge da Cunha Lima
Jorge Gerdau
José Ernúrio de Moraes
José Saíra
Lúcio Costa
Luís Carlos Barreto
Mãe Olga do Alaketu
Marcos Vinícios Vilaca
Maria Clara Machado
Robert Broughton
Ubiratan Aguiar
Wladimir Martinho

1998

Abram Szajman
Altamiro Carrilho
Antônio Brito
Ariano Suassuna
Cacá Diegues
D. Neuma da Mangueira
Décio de Almeida Prado
Franz Weissmann
João Carlos Martins
José Hugo Celidônio
Lily Marinho
Mãe Cleusa do Gantois
Miguel Jorge
Milú Villela
Octávio Frias
Olavo Monteiro de Carvalho
Paulo Autran
Paulo César Ximenes
Roseana Sarney
Ruth Rocha
Ruy Mesquita
Sebastião Salgado
Walter Hugo Khoury
Zenildo de Lucena

1999

Abraão Koogan
Almir Gabriel
Aloyzio Faria
Ana Maria Diniz
Angel Vianna
Antônio Houaiss
Beatriz Pimenta de Camargo
Ecyla Brandão
Enrique Iglesias
Esther Bertoletti
Hélio Jaguaribe
Hermínio Bello de Carvalho
J. Borges
João Antunes
Mãe Stella de Oxóssi
Maria Delith Balaban
Mário Covas
Paixão Côrtes
Paulo Fontainha Geyer
Romero Magalhães
Washington Novaes

2000

Ana Maria Machado
Ângela Gutierrez
Bustorff Silva
Dalal Acheir
Dom Geraldo
Edino Krieger
Elizabeth D'Angelo Serra

Firmino Ferreira Sampaio

Neto Siron Franco
Gianfrancesco Guarnieri
Gilberto Gil
José Alves Antunes Filho
Luiz Henrique da Silveira
Luiz Sponchiato
Maria João Espírito Santo
Mário Miguel Nicola Garofalo
Martininho da Vila
Nelson José Pinto Freire
Paulo Tarso Flecha de Lima
Plínio Pacheco
Rodrigo Pederneiras
Ruth Escobar
Sabine Lovatelli
Sérgio Paulo Rouanet
Sérgio Silva do Amaral
Thomaz Jorge Farkas
Tizuka Yamasaki
Zezé Motta

2001

Arthur Moreira Lima
Catherine Tásca
Célia Procópio de
Araújo Carvalho
Euclides Menezes Ferreira
Euzébia Silva de Oliveira
Fernando Faro
Haroldo Costa
Henry Philippe Reichstul
Hermínio Bello de Carvalho
Hildmar Diniz
Império Serrano
Ivo Abrahão Nesralla
João Câmara Filho
José Bispo Clementino
dos Santos
Luciana Stegagno Picchio
Luiz Antônio Vianna
Lygia Fagundes Telles
Mangueira
Manoel Salustiano Soares
Milton Nascimento
Paulo César Baptista
de Faria
Pilar Del Castillo Vera
Portela
Purificación Carpinteyro
Calderon
Sari Bermúdez
Sheila Copps
Synésio Scofano Fernandes
Thiago de Mello
Vila Isabel
Yvonne Lara da Costa

2002

Ana Botafogo
Candace Slater
Carequinha
Carlos Roberto Faccina
Centro Cultural Pró-Música
Editora da USP – EDUSP
Dalva Lazaroni de Moraes
Dom Paulo Evaristo Arns
Dominguinhos
Dona Lucinha
Eduardo Baptista Vianna
Frances Marinho
G.R.E.S. Camisa Verde e Branco
G.R.E.S. Vai Vai
Guilherme A. O'Donnell
Henry Isaac Sobel
Jack Leon Terpins
João Filgueiras Lina (Lelé)
Jon M. Tolman
Júlio José Franco Neves
Júlio Landmann
Kabengele Munanga
Lima Duarte
Maria Della Costa
Marlui Miranda
Mestre Juca
Nenê de Vila Matilde
Niède Guidon
Renato Becker Borghetti
Roberto Carlos Braga
Roberto da Matta
Sérgio Kobayashi
Sílvio Sérgio B. Barbato
Sociedade Bíblica do Brasil
Tânia M. Kuchenbecker Rösing
Vitae Apoio à Cultura, Educação
e Promoção Social

2003

Afro Reggae
Agostino da Silva (*in memoriam*)
Aloísio Magalhães (*in memoriam*)
Antônio Nóbrega
Ary Barroso (*in memoriam*)
Associação de Bandas Congo
da Serra
Bené Fonteles
Benedito Nunes
Boi Caprichoso
Boi Garantido
Candido Portinari (*in memoriam*)
Carmem Costa
Casseta & Planeta
Chico Buarque de Holanda
Coral dos Guarani
Dorival Caymmi

Eduardo Bueno
Grupo Ponto de Partida e
Meninos de Araçuaí
Haroldo de Campos
(*in memoriam*)
Hebert Vianna
Jongo da Serrinha
Jorge Mautner
Judith Cortesão
Luiz Costa Lima
Maestro Gilberto Mendes
Mangueira do Amanhã
Manoel de Barros
Marília Pêra
Mestre João Pequeno
Milton Santos (*in memoriam*)
Moacyr Selar
Nelson Pereira dos Santos
Projeto Axé
Projeto Guri
Rita Lee
Roberto Farias
Rogério Sganzerla
Rubinho do Vale
Velha Guarda da Portela
Zezé Di Camargo e Luciano

2004

Alberto da Costa e Silva
Angeli
Arnaldo Carrilho
Caetano Veloso
Candomblé do Povo do
Açude – Serra do Cipó
Ceguinhas de Campina
Grande
Companhia Barrica
Cordão da Bola Preta
Danilo Miranda
Fernando Sabino
(*in memoriam*)
Franco Fontana
Frans Krajcberg
Fundação Casa Grande
Geraldo Sarno
Inezita Barroso
João Donato
José Júlio Pereira Cordeiro
Blanco
Lia de Itamaracá
Liz Calder
Márcia Haydée
Maurício de Sousa
Movimento Arte contra a
Barbárie
Odete Lara
Olga Prager Coelho

Orlando Villas-Bôas
(*in memoriam*)
Ozualdo Candeias
Paracatum – Escola
Profissional de Músicos
Paulo José
Paulo Mendes da Rocha
Pelé
Povo Panará
Projeto Daná Comunidade
Pulsar Cia. de Dança
Rachel de Queiroz
(*in memoriam*)
Renato Russo (*in memoriam*)
Teatro Oficina Uzya Uzona
Violeta Arraes
Vó Maria
Walter Firmo
Waly Salomão (*in memoriam*)

2005

Alfredo Bosi
Almeida Prado
Ana das Carrancas
Antônio Dias
Antônio Menezes
Augusto Boal
Augusto Carlos da Silva Telles
Balé Stágium
Carlos Lopes
Circuito Universitário de
Cultura e Arte – CUCA
Cleyde Yáconis
Clóvis Moura (*in memoriam*)
Darcy Ribeiro (*in memoriam*)
Dona Militana
Eduardo Coutinho
Egberto Gismonti
Eliane Lage
Grupo Musical Bandalins de
Oeiras
Henri Salvador
Isabel Mendes da Cunha
João Gilberto
José Mojica Marins
Lino Rojas
Mária Bethânia
Mário Carreiro
Maurice Capovilla
Mestre Bimba (*in memoriam*)
Mestre Pastinha (*in memoriam*)
Movimento Mangue Beat
Museu Casa do Pontal
Nei Lopes
Nino Fernandes
Paulo Linhares
Pinduca

Roger Avanzi
Ruth de Souza
Silviano Santiago
União Nacional dos
Estudantes – UNE
Xangô da Mangueira
Ziraldó

2006

Amir Haddad
Banda de Pifanos de Caruaru
Casa de Cultura Tainã
Centro de Estudos e Ações
Solidárias da Maré
Conselho Internacional
de Museus
Cora Coralina (*in memoriam*)
Daniel Munduruku
Dino Garcia Carrera
(*in memoriam*)
Dona Lygia
Dona Teté Cacuriá
Emmanuel Nassar
Escola de Museologia da
UniRio
Feira do Livro de Porto Alegre
Fernando Birri
Grupo Corpo
Intrepida Trupe
José Mindlin
Josué de Castro
(*in memoriam*)
Júlio Bressane
Laura Cardoso
Lauro César Muniz
Luiz Felipe de Carvalho
Castro Andrès
Mário Cravo Neto
Mário de Andrade
(*in memoriam*)
Mário Pedrosa (*in memoriam*)
Mestre Eugênio
Mestre Varequete
Ministério da Cultura da
Espanha
Moacyr Santos (*in memoriam*)
Museu de Arqueologia do
Xingó
Paulo Cezar Saraceni
Pompeu Christóvam de Pina
Racionais MC's
Rodrigo Mello Franco de
Andrade (*in memoriam*)
Sábato Magaldi
Santos Dumont (*in memoriam*)
Seu Teodoro do Boi
Sivuca

Tânia Andrade Lima
Tomie Ohtake
Vladimir Carvalho

2007

Abdias Nascimento
Álvaro Siza Vieira
Associação Cultural Cachuera!
Banda Cabaçal
Bárbara Heliodora
Cacique Raoni
Cartola (*in memoriam*)
Celine Imbert
Cildo Meirelles
Claude Lévi-Strauss
Clube do Choro de Brasília
Dodô e Osmar (*in memoriam*)
Escola de Circo Picolino
Glauber Rocha (*in memoriam*)
Grande Otelo (*in memoriam*)
Grupo Nós do Morro
Hélio Oiticica (*in memoriam*)
Hermilo Borba Filho
(*in memoriam*)
Jean-Claude Bernardet
Jorge Ben Jor
Judith Malina
Kanuá Kamayurá
Lia Robatto
Lina Bo Bardi (*in memoriam*)
Luís Otávio Sousa Santos
Luiz Alberto de V. M. Bandeira
Luiz Gonzaga (*in memoriam*)
Luiz Mott
Marcello Grassman
Museu Paraense Emílio Goeldi
Orides Fontella (*in memoriam*)
Oscar Niemeyer
Programa Castelo
Rá-Tim-Bum
Ronaldo Fraga
Selma do Côco
Sérgio Brito
Solano Trindade (*in memoriam*)
Tom Jobim (*in memoriam*)
Tônia Carrero
Tostão
Vânia Toledo
Walter Smetak (*in memoriam*)

FICHA TÉCNICA

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República

Roberto Nascimento
Secretário de Fomento e Incentivo à Cultura

Juca Ferreira
Ministro de Estado da Cultura

Sérgio Mamberti
Secretário da Identidade e
da Diversidade Cultural

Alfredo Manevy
Secretário-executivo

Silvana Meireles
Secretária de Articulação Institucional

Célio Turino
Secretário de Programas e Projetos Culturais

Marcos Alves de Souza
Secretário de Políticas Culturais – Interino

Sílvio Da-Rin
Secretário do Audiovisual

ORDEM DO MÉRITO CULTURAL 2008

Realização
Ministério da Cultura

Isabella Madeira
Chefe de Gabinete do Ministro

Coordenador-executivo
Márcio Bueno

Elaine Santos

Coordenação de Produção
Cleusmar Fernandes

Diretora de Gestão Interna

Coordenação Administrativa
Adoraci Almeida de Mendonça

Ana Paula Dourado Santana
Chefe de Gabinete da Secretaria
do Audiovisual

Texto de Apresentação
Márcio Bueno

Equipe da Secom/PR

Perfil dos agraciados
(pesquisa e textos)
Sheila Sterf
Ana Carolina Silveira
Clélia Araújo

**Equipe da Assessoria de Comunicação do
Ministério da Cultura**

Agradecimentos Especiais
Sérgio Mamberti

Secretário da Identidade e
da Diversidade Cultural

Todos os que colaboraram direta ou
indiretamente para o planejamento
e realização do evento

Ministério
da Cultura

